

METODOLOGIA CIENTÍFICA

CARTILHA

Organizadores

Carlos Everaldo Silva da Costa | Rodrigo Gameiro Guimarães
Sarah Regina Nascimento Pessoa | Rodrigo César Reis de Oliveira
Valdemir da Silva | Rosiane Chagas
Beatriz Gondim Matos | Francisco José Peixoto Rosário
Cláudia Maria Milito | Cid Olival Feitosa
Milka Alves Correia Barbosa | Wesley Vieira da Silva
Tiago de Moura Soeiro | Madson Bruno da Silva Monte
Gustavo Madeiro da Silva | Lucas Silva de Amorim
Renata Gomes Mendes

METODOLOGIA CIENTÍFICA

CARTILHA

1ª EDIÇÃO - 2022

Organizadores

Carlos Everaldo Silva da Costa | Rodrigo Gameiro Guimarães
Sarah Regina Nascimento Pessoa | Rodrigo César Reis de Oliveira
Valdemir da Silva | Rosiane Chagas
Beatriz Gondim Matos | Francisco José Peixoto Rosário
Cláudia Maria Milito | Cid Olival Feitosa
Milka Alves Correia Barbosa | Wesley Vieira da Silva
Tiago de Moura Soeiro | Madson Bruno da Silva Monte
Gustavo Madeiro da Silva | Lucas Silva de Amorim
Renata Gomes Mendes

Apoio

Centro Acadêmico de Administração - CA/FEAC/UFAL
JRS – FEAC/UFAL



Maceió | AL
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Josealdo Tonholo

Reitor

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Vice-reitora

Ubirajara Oliveira

Chefe de Gabinete

Bruno Morais Silva

Diretor-Geral (DAP)

Alexandre Lima Marques da Silva

Pró-reitor Estudantil (Proest)

Amauri da Silva Barros

Pró-reitor de Graduação (Prograd)

Iraildes Pereira Assunção

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação (Propep)

Clayton Antônio Santos da Silva

Pró-reitor de Extensão (Proex)

Renato Luís Pinto Miranda

Pró-reitor de Gestão Institucional (Proginst)

Wellington da Silva Pereira

Pró-reitor de Gestão de Pessoas e do Trabalho (Progep)

Dilson Batista Ferreira

Superintendente de Infraestrutura (Sinfra)

Célio Fernando de Sousa Rodrigues

Superintendente do HUPAA-Ufal/Ebserh

Rima e Apeal

Projeto Gráfico

Carlos Victor Silva dos Santos e Gabriel da Costa Santos

Capa

Catálogo na Fonte


Departamento de Tratamento Técnico da Agência de Produção Editorial de Alagoas (Apeal)

M593 Metodologia científica [recurso eletrônico] : cartilha / Carlos Everaldo Silva da Costa [et al.]. (Org.). – Maceió : Feac, [Apeal], 2022.
77 p. : il. : color (e-book).

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-996864-3-6.

1. Educação. 2. Metodologia científica. 3. Cartilha. I. Gameiro, Guimarães Rodrigo, org. II. Pessoa, Sarah Regina Nascimento, org. III. Oliveira, Rodrigo César Reis de, org. IV. Silva, Valdemir da, org. V. Chagas, Rosiane, org. VI. Matos, Beatriz Gondim, org. VII. Rosário, Francisco José Peixoto, org. VIII. Milito, Cláudia Maria, org. IX. Feitosa, Cid Olival, org. X. Barbosa, Milka Alves Correia, org. XI. Silva, Wesley Vieira da, org. XII. Soeiro, Tiago de Moura, org. XIII. Monte, Madson Bruno da Silva, org. XIV. Silva, Gustavo Madeiro da, org. XV. Amorim, Lucas Silva de, org. XVI. Mendes, Renata Gomes, org.

CDU: 001.8(075.2)



Os valores deste trabalho estão no esforço e no processo de construção de conhecimento que envolveu alunos, docentes e técnicos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) da UFAL, durante as aulas remotas no primeiro ano de pandemia, por conta do COVID-19. É um material que pode e deve ser aprimorado, pois não há respostas, caminhos corretos, nem receitas para a pesquisa/ o estudo científico. Seu conteúdo é baseado em estudos sobre a condução de trabalhos e pesquisas – na modalidade científica. Este material deve servir de estímulo e gerar curiosidade e inspiração. As dicas de preparação e condução da pesquisa/ do estudo científico podem ser utilizadas em um trabalho de disciplina de graduação ou pós-graduação, conclusão de curso, artigo, dissertação, tese, assim como para algum relatório ou documento em um estágio, ou até mesmo de modo profissional em uma organização, seja esta pública, privada ou do terceiro setor.

Sumário

I – ORIENTAÇÕES GERAIS

A importância da pesquisa/ do estudo científico, suas abordagens e estratégias

Capítulo 1 – Bem-vindos à pesquisa científica 9

Rodrigo Gameiro Guimarães

Capítulo 2 – Pesquise com ética 11

Sarah Regina Nascimento Pessoa

Capítulo 3 – Como elaborar um questionário 14

Rodrigo César Reis de Oliveira

Capítulo 4 – Pesquisa quantitativa 15

Lucas Silva de Amorim

Capítulo 5 – Como montar seu banco de dados teóricos e organizar seu estudo 18

Valdemir da Silva

Capítulo 6 - Mapeamento Sistemático (MS) 20

Renata Gomes Mendes

II – MÉTODOS

Etapas coerentes para conduzir a pesquisa/o estudo – em um trabalho de disciplina, em um trabalho de conclusão de curso, em uma dissertação ou tese – a partir do tipo e do objetivo

Capítulo 7 – Estudo de caso (EC).....24

Rosiane Chagas

Bruna Samara Santos da Silva

Emerson Wagner Diniz de Magalhães

José Higino da Silva Neto

Capítulo 8 – Pesquisação-Ação (PA) 29

Camila Carvalho de Sena Pereira

Eudes Barros Diolindo da Silva

Jessica Silva Ferreira de Lima

Nicolas Bittencourt Almeida Lopes

Carlos Everaldo Silva da Costa

Capítulo 9 – Análise de Conteúdo (AC)	34
<i>Gabriel da Costa Santos</i>	
<i>Janaina Elayne de Lima Gomes</i>	
<i>Joselayne Alves de Oliveira</i>	
<i>Maycon Douglas Nobrega Lopes</i>	
Capítulo 10 – Grounded Theory (GT).....	38
<i>Carlos Roberto da Silva</i>	
<i>Carlos Victor Silva dos Santos</i>	
<i>Jade Demettino Castro Souza</i>	
<i>Carlos Everaldo Silva da Costa</i>	
Capítulo 11 – Etnografia	41
<i>Alexandre Vital dos Santos</i>	
<i>Camila Maria Lima dos Santos</i>	
<i>Chrisley Alex dos Santos</i>	
<i>Elenilson Da Silva Rodrigues</i>	
<i>Felipe Henrique da Silva Costa</i>	
<i>Gisele Ingrid da Silva Figueiredo</i>	
<i>Karine Santana dos Santos</i>	
<i>Lyvia Rocha Firmo</i>	
<i>Paulo Ronald Galvão dos Santos</i>	
<i>Vinnícius Henrique Silva de Jesus</i>	
<i>Yasmin Firmino Ferreira</i>	
Capítulo 12 – Netnografia	44
<i>Damara Elen Cavalcante dos Santos</i>	
<i>Gabriele Maria Gomes da Silva</i>	
<i>Kaucione Gouveia Silva</i>	
<i>Larissa Myrella dos Santos</i>	
<i>Maíra de Oliveira Monteiro</i>	
<i>Marianna de Fátima Holanda Carvalho</i>	
<i>Elias Pereira Gonzaga</i>	
<i>Esthefane Karoline Dos Santos Conceição</i>	
<i>Ewerton Bruno Santos de Oliveira</i>	
<i>Girláine Cunha dos Santos</i>	
<i>Lucas Jonathan Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Maria Karolina da Silva Barros</i>	
Capítulo 13 – Fotoetnografia	47
<i>Arthur de Sá Sousa</i>	
<i>Pedro Felipe Soares de Lima</i>	
<i>Sarah Alice Nascimento da Silva Lima</i>	
<i>Camila Oliveira Portella</i>	
<i>Isabella Alice de Deus Dias</i>	
<i>João Batista dos Santos Filho</i>	
<i>Nathalya Louize Nunes dos Santos</i>	
<i>Vanessa das Chagas Lucena</i>	

Capítulo 14 – Casos para ensino	50
<i>Beatriz Gondim Matos</i>	

III – REFLEXÕES

Pesquisa/ estudo científico como um processo de construção do conhecimento

Capítulo 15 – Como construir temas de pesquisa atuais e relevantes	56
<i>Francisco José Peixoto Rosário</i>	

Capítulo 16 – Dicas dos pesquisadores.....	60
<i>Cláudia Maria Milito</i>	
<i>Cid Olival Feitosa</i>	
<i>Milka Alves Correia Barbosa</i>	
<i>Wesley Vieira da Silva</i>	

Capítulo 17 – Orientações gerais para a construção de um trabalho de conclusão de curso.....	63
<i>Tiago de Moura Soeiro</i>	



Orientações gerais

A importância da pesquisa/ do estudo científico, suas abordagens e estratégias

Capítulo 1

Bem-vindos à pesquisa científica

Rodrigo Gameiro Guimarães

Uma pesquisa é sempre a busca pelo desconhecido, por uma lacuna ou mesmo pelo aprofundamento do conhecimento. Embora que “pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender em sentido criativo.” (DEMO, 2006, p. 44). A pesquisa serve a aprendizagem, mas aquela destinada a produzir um conhecimento mais confiável, testável, controlável, é a pesquisa científica.

A pesquisa científica, processo básico da ciência moderna, tem algumas características que a diferenciam dos outros tipos de pesquisa ou das outras formas de conhecimento. Ela é lida com conhecimento objetivo, sistemático, verificável e utiliza procedimentos racionais, com isso pretende a construção de um conhecimento confiável. No entanto, toda pesquisa científica é alimentada pela dúvida, seus resultados são alcançados por questionamentos como métodos e continuam sendo questionáveis. Ainda que produza certezas que podem ser aplicadas em soluções e tecnologias no cotidiano, o conhecimento científico é falível e questionável.

Toda pesquisa inicia com uma pergunta, um questionamento, uma dúvida, um problema. Para ser científico, a questão de pesquisa envolve conceitos, teorias, categorias ou variáveis passíveis de observar e até mensurar. Com isso, o propósito é se distanciar de questões de juízo de valor e adjetivações. Então, quais os principais elementos de um problema de pesquisa?

O problema de pesquisa pode ser voltado a questões práticas ou acadêmicas, mas precisa necessariamente: 1. delimitar o tema da pesquisa, indicando uma área do conhecimento, uma teoria, um conceito; 2. apresentar um recorte da realidade, delimitando-a no espaço e tempo, definindo o objeto da pesquisa. Dessa forma, o problema de pesquisa levanta um questionamento sobre um recorte espaço-temporal da realidade orientado por um referencial teórico e analítico, delimitando o também chamado fenômeno pesquisado.



Então, no problema de pesquisa precisam aparecer o tema, área do conhecimento, teoria, conceito, variáveis e objeto de pesquisa, tudo isso apresentado em forma de pergunta.

Referências:

DEMO, P. Pesquisa: princípio educativo e científico. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RICHARDSON, R.J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ROESCH, S. M. A. Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.



Capítulo 2

Pesquisa com ética

Sarah Regina Nascimento Pessoa¹

A pesquisa científica é responsável por grande parte do conhecimento humano. Sabe-se que o avançado desenvolvimento técnico-científico permitiu um acúmulo de conhecimento, contudo, ele não necessariamente se pautou em um progresso ético. Ao longo da história da humanidade, observam-se vários exemplos em que os participantes da pesquisa foram colocados em situação de vulnerabilidade em nome do “progresso da.

Embora não seja possível determinar um momento preciso para o surgimento de preocupações éticas à pesquisa científica, admite-se que as diretrizes éticas do Código de Nurembergue, elaborado em 1947, representam um marco para as atuais regulamentações. No Brasil, tais preocupações só surgiram na década de 1980, por meio da resolução nº 01 de 1988 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Tal medida estabeleceu que toda instituição de saúde que desenvolvesse pesquisas com seres humanos deveria possuir um Comitê de Ética em Pesquisa (Cep). No ano de 1996, houve uma ampliação deste escopo², e determinou-se que independentemente da área de conhecimento, **toda** pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação do Cep.

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) está vinculada ao CNS e é uma instância colegiada de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa e independente. Compete ao Conep elaborar e atualizar as diretrizes e normas para a proteção dos participantes de pesquisa e também coordenar a rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições. O sistema Cep/Conep visa defender os interesses dos participantes de pesquisa e contribuir para o desenvolvimento de pesquisa dentro padrões éticos.

É por meio da Plataforma Brasil, sistema eletrônico criado para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos, que são elaborados

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Alagoas (FEAC/UFAL).

² Por meio da resolução nº 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.



os pareceres dos Comitês de Ética em todo o país. Para submissão, o projeto deve estar em conformidade com a Resolução CNS nº 466/12 para a área da Saúde e a Resolução CNS nº 510/16 para as áreas Social e Humana.

Segundo a última resolução citada: “A ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos”. No artigo 3, delimita-se como princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais: o reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa; a defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; o respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes; a recusa de todas as formas de preconceito; a garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas; a garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, dentre outros.

Para mais informações sobre ética em pesquisa, acesse o site da feac pelo link: <https://feac.ufal.br/pesquisa/etica-em-pesquisa>

Para mais informações sobre o sistema Cep/Conep, ver: <http://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep/>

Para mais informações sobre o Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL, legislação, submissão de projetos e material de apoio, ver: <https://ufal.br/ufal/pesquisa-e-inovacao/etica/pesquisa>

Para mais informações sobre a plataforma Brasil, ver: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf> (*ícone Perguntas e Respostas*; *ícone manuais da plataforma Brasil*; e *ícone Atendimento on line*).

Referências

Beecher, H. K. (1966). Ethics and Clinical Research. *New England Journal of Medicine*, 274(24), 1354–1360. doi:10.1056/nejm196606162742405.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 001/1988: normas de pesquisa em saúde. Brasília: CNS, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 196/1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: CNS, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 466/2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: CNS, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 510/2016: normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes. Brasília: CNS, 2016.



Capítulo 3

Como elaborar um questionário

Rodrigo César Reis de Oliveira

Veja a seguir algumas etapas importantes para o sucesso da sua coleta de dados.

- 1- Comece por buscar outros estudos científicos que já abordaram o tema e objeto em estudo;
- 2- Lembre que você pode usar um questionário (ou roteiro de entrevista) já validado por estudos científicos, mais amplos que o seu (caso faça uso de um instrumento já validado, lembrar de citar a fonte e descrever na metodologia como foi feito o uso ou adaptação do instrumento);
- 3- Importante que exista um cuidado em considerar os objetivos da pesquisa na elaboração do instrumento de coleta de dados;
- 4- Ao realizar a revisão da literatura e fundamentação teórica do estudo, devem ser buscados, nos estudos científicos já realizados, indicadores ou categorias analíticas para que possa ter um instrumento de pesquisa consistente. Nesse momento, importante elaborar o quadro de indicadores/categorias analíticas da pesquisa que pode nortear a elaboração dos instrumentos de coleta;
- 5- Elabore questões claras, objetivas e consistentes. Lembre que a pessoa que vai responder deve entender facilmente, para que possa responder seu questionário ou roteiro de entrevista;
- 6- Após elaborar o questionário ou roteiro de entrevista, o mesmo deve passar por validação e pré-teste (existem alguns tipos de validação, pode começar pela validação por especialistas, enviando seu instrumento para alguns especialistas no tema/objeto em estudo, eles poderão contribuir para a melhoria do seu questionário ou roteiro)
- 7- Após a validação e o pré-teste, poderá ter a versão final do seu instrumento de pesquisa e conseguirá realizar a etapa de coleta de forma mais consistente.

Após essas 7 etapas, você terá condições de ir a campo coletar dados/informações do seu estudo!



Capítulo 4

Pesquisa Quantitativa

Lucas Silva de Amorim

4.1 – O que é uma pesquisa quantitativa?

De acordo com Silva e Menezes (2005), a pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Dessa forma, esse tipo de pesquisa requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.). Conforme Prodanov e Freitas (2013) definem, o papel do método estatístico é, essencialmente, possibilitar uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado.

Com base nos estudos de Campos (2000), os testes estatísticos podem ser divididos em dois grandes grupos de testes, sendo eles: Testes paramétricos e testes não-paramétricos. Para saber qual grupo o pesquisador vai utilizar em sua pesquisa, é preciso observar algumas particularidades de determinadas variáveis (variância, erro amostral e etc.). De forma preferencial, através do auxílio de softwares estatísticos (SPSS™, SmartPLS™), o pesquisador pode descobrir se a amostra faz parte de uma distribuição normal, neste caso, testes paramétricos deverão ser utilizados. Caso não seja possível comprovar a normalidade dos dados, o pesquisador deve supor que a amostra não faz parte de uma distribuição normal, ou seja, deverá utilizar testes não-paramétricos.



Testes paramétricos e não-paramétricos

	Teste estatístico	Definição	Exemplo
Teste paramétrico	Teste t de student	Teste para comparar a média entre dois grupos.	Comparar a média da altura entre as pessoas do gênero masculino e do gênero feminino
	Correlação de Pearson	Conforme apontam Figueiredo Filho e Júnior (2009), diz respeito a uma medida de associação linear entre variáveis. O coeficiente de correlação de Pearson é representado pela letra "r" e varia de -1 a 1, sendo o sinal um indicador da direção positiva ou negativa do relacionamento entre as variáveis, enquanto o valor da correlação sugere a força da relação entre elas.	Verificar a correlação entre as crenças e a intenção de comprar produtos orgânicos
	ANOVA	Comparar as variâncias entre as medianas (ou médias) de grupos diferentes	Verificar se os homens ou mulheres que vivem com alguém que esteja no grupo de risco do vírus covid-19 possuem uma maior chance de aderir ao isolamento social.
Teste não-paramétrico	Teste de Friedman	Se trata de um teste alternativo para o teste ANOVA. É utilizado para comparar dados amostrais vinculados, ou seja, quando o mesmo indivíduo é avaliado mais de uma vez.	Testar se diferentes tratamentos produzem o mesmo efeito no indivíduo.
	Teste T de Wilcoxon	É um teste não-paramétrico que pode ser utilizado para determinar se duas amostras dependentes foram selecionadas de populações que possuem a mesma distribuição (LARSON, FARBER, 2010).	Verificar se ouvir música afeta a duração dos treinos dos atletas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).



4.2 Dicas de leitura

ALYRIO, Rovigati Danilo. Métodos e técnicas de pesquisa em administração. **Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ**, p. 58-60, 2009.

HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman editora, 2009.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada**. 2010.



4.3 Dicas de leitura

CAMPOS, Geraldo Maia. **Estatística prática para docentes e pós-graduandos**. 2002.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; SILVA JÚNIOR, José Alexandre. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). **Revista Política Hoje**, v. 18, n. 1, p. 115-146, 2009.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada**. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

SILVA, Edna Lucia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC, Florianópolis, 4a. edição, v. 123, 2005.



Capítulo 5

Como montar seu banco de dados teóricos e organizar seu estudo

Valdemir da Silva

Possível cronograma para Orientação do TCC ou artigo:

Primeiro encontro entre orientando e orientador, visando os seguintes pontos: a) discutir a área de estudo (pública ou privada) na contabilidade; b) definir, conforme a área escolhida, o assunto que será pesquisado. Nesta perspectiva, busca-se estabelecer preliminar e provisoriamente o objetivo geral da pesquisa e, quando necessário, a questão problema. O orientando também recebe um *template* (checklist) de informações que ajudam a nortear a ideia da pesquisa.

Além disso, discute-se a busca de estudos anteriores nas revistas de Contabilidade e Administração A2, B1 e B2, nos principais de congressos de contabilidade e Administração (USP-FIPECAFI, ANPCONT, ENANPAD, SEMEAD, CBC), na base de dados *scopus*, bem como, se necessário, no *google acadêmico*. Para esse fim, define-se alguns descritores visando facilitar. Enquanto isso, para cada orientação, o orientador cria uma pasta e subpastas no *google drive*, buscando armazenar os estudos anteriores, o *template* padrão do TCC, conforme a normalização da ABNT, e outras informações. O discente é orientado a arquivar os estudos encontrados nas nuvens.

Segundo encontro: discussão para elaboração do estado da arte com base nos estudos encontrados. Para isso, faz-se a orientação da leitura de dois ou três estudos científicos buscando visualizar os principais pontos que devem compor o estado da arte.

Terceiro encontro: com base no estado da arte e na leitura feita pelo discente, discute-se os objetivos da pesquisa, a questão problema, o título do estudo e a redação básica do projeto de pesquisa. Esse documento é um instrumento eficiente de organização das ideias.



Se a abordagem for quantitativa, para a área pública, utilizam-se as bases de dados do governo e, para área privada, a base de dados da B3 (antiga Bovespa) ou os dados de uma mais empresas de capital fechado.

Do 4º encontro em diante, as dúvidas pontuais são dirimidas por e-mail, whatsapp, reunião no meet, teams etc.



Capítulo 6

Mapeamento Sistemático (MS)

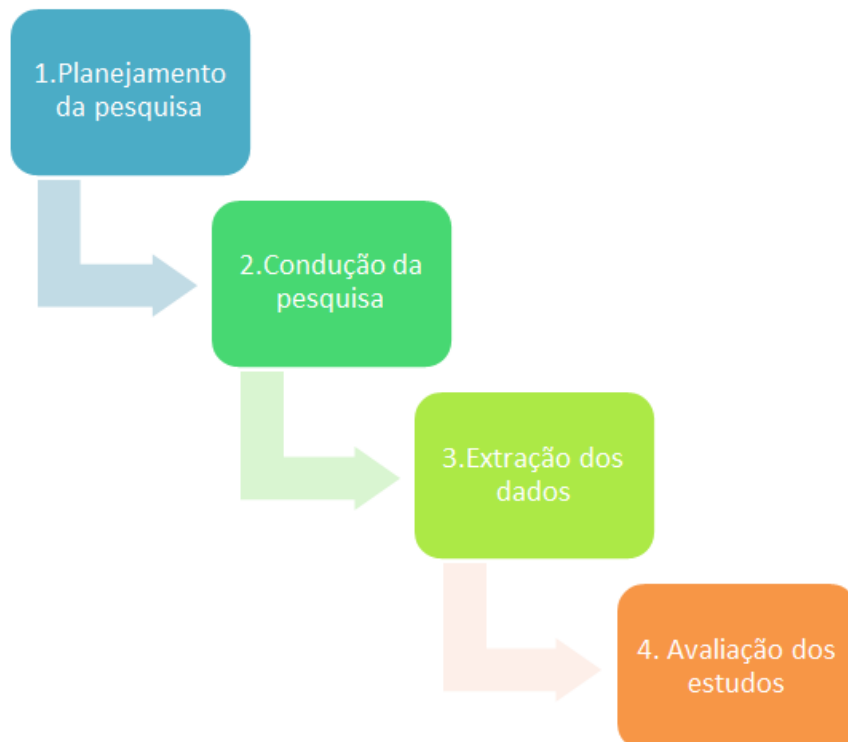
Renata Gomes Mendes

6.1 - O que é um MS?

MS é uma estratégia de pesquisa que procura identificar, avaliar e interpretar todos os estudos disponíveis e relevantes para uma determinada questão de pesquisa, área temática ou fenômeno de interesse. Ele possibilita obter uma visão mais ampla dos estudos buscando encontrar lacunas passíveis de serem exploradas. Os MS são considerados estudos secundários, uma vez que tem por base estudos empíricos primários. E são muito utilizados nas pesquisas das áreas de saúde e tecnologia. Para realizar o MS é preciso adotar um protocolo que irá guiar o levantamento dos estudos e reduzir o viés do pesquisador.



6.2 Passo a passo do MS



Fonte: elaboração própria

Descrição dos passos

Observações gerais:		
<p>Obs.1: todos os critérios de inclusão devem ser respeitados;</p> <p>Obs.2: critérios de exclusão devem ser executados primeiro para reduzir o trabalho;</p> <p>Obs. 3: a extração dos dados deve ser registrada em uma planilha para melhor organização do estudo, conforme critérios definidos no planejamento;</p> <p>Obs.4: para se adequar aos diferentes ambientes de busca a <i>string</i> pode ser modificada (OR) e (AND) por <or> e <and>;</p>		
Planejamento da pesquisa	Questões de pesquisa	<p>O que é X?</p> <p>Qual relação de X, Y e Z?</p> <p>Como X pode colaborar com Y?</p>
	Equipe de trabalho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pesquisador; 2. Bolsista; 3. Orientador; e 4. Outros
	Definir <i>strings</i> de busca	<ol style="list-style-type: none"> 1. Palavras-chaves da pesquisa; 2. Sinônimos das palavras-chaves; 3. Uso do "OR" para integrar as palavras-chaves e os sinônimos; 4. Uso do "AND" para integrar as diferentes palavras-chaves. <p>Exemplos:</p> <p>"citizens charter" OR "carta de serviços ao cidadão"</p> <p>"carta de serviços ao cidadão" AND "transparência pública"</p>
	Determinar critérios de inclusão e exclusão	<p>- Os critérios de inclusão e exclusão devem responder as perguntas da pesquisa</p> <p>Exemplos:</p> <p>Período (exclusão);</p> <p>Idioma (exclusão);</p> <p>Estudos na íntegra (inclusão);</p> <p>Gratuitos (inclusão)</p>



Condução da pesquisa	Definir bases de pesquisa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Automáticas: <i>scholar google, emerald insight, ACM library</i> 2. Manuais: anais de congressos
	Busca	<ul style="list-style-type: none"> - Títulos - Resumos - Palavras-chaves <p>Que tenham relação direta com os <i>strings</i> definidos</p>
Extração dos dados	Título	Título da pesquisa
	Avaliação	Objetivo da pesquisa e problema de pesquisa
	Fonte	Local de publicação (revistas, jornais, eventos).
	Ano	Ano de publicação
Avaliação dos estudos	Abordagem da temática	<ul style="list-style-type: none"> - Como a temática vem sendo apresentada pelos estudos; - Como as abordagens respondem o objeto de pesquisa; - Como cada pesquisador analisou o conteúdo - Diferenças e consensos entre os autores devem ser analisadas.



6.3 Dica de planilha de extração dos dados

CODIGO	Título	Objeto de estudo	Tipo de pesquisa	Ano da Publicação



6.4 Dicas de leitura

KITCHENHAM, B.; DYBÅ, T.; JØRGENSEN, M. **Evidence-based Software Engineering**. INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOFTWARE ENGINEERING,26, (ICSE '04), Proceedings. IEEE, Washington DC, USA, p. 273 – 281. 2004.

KITCHENHAM, B., (2004). "Procedures for Performing Systematic Reviews", Joint Technical Report Software Engineering Group, Department of Computer Science Keele University, United King and Empirical Software Engineering, National ICT Australia Ltd, Austrália.



Métodos

Etapas coerentes para conduzir a pesquisa/o estudo – em um trabalho de disciplina, em um trabalho de conclusão curso, em uma dissertação ou tese – a partir do tipo e do objetivo

Capítulo 7

Estudo de caso (EC)

Rosiane Chagas

Bruna Samara Santos da Silva

Emerson Wagner Diniz de Magalhães

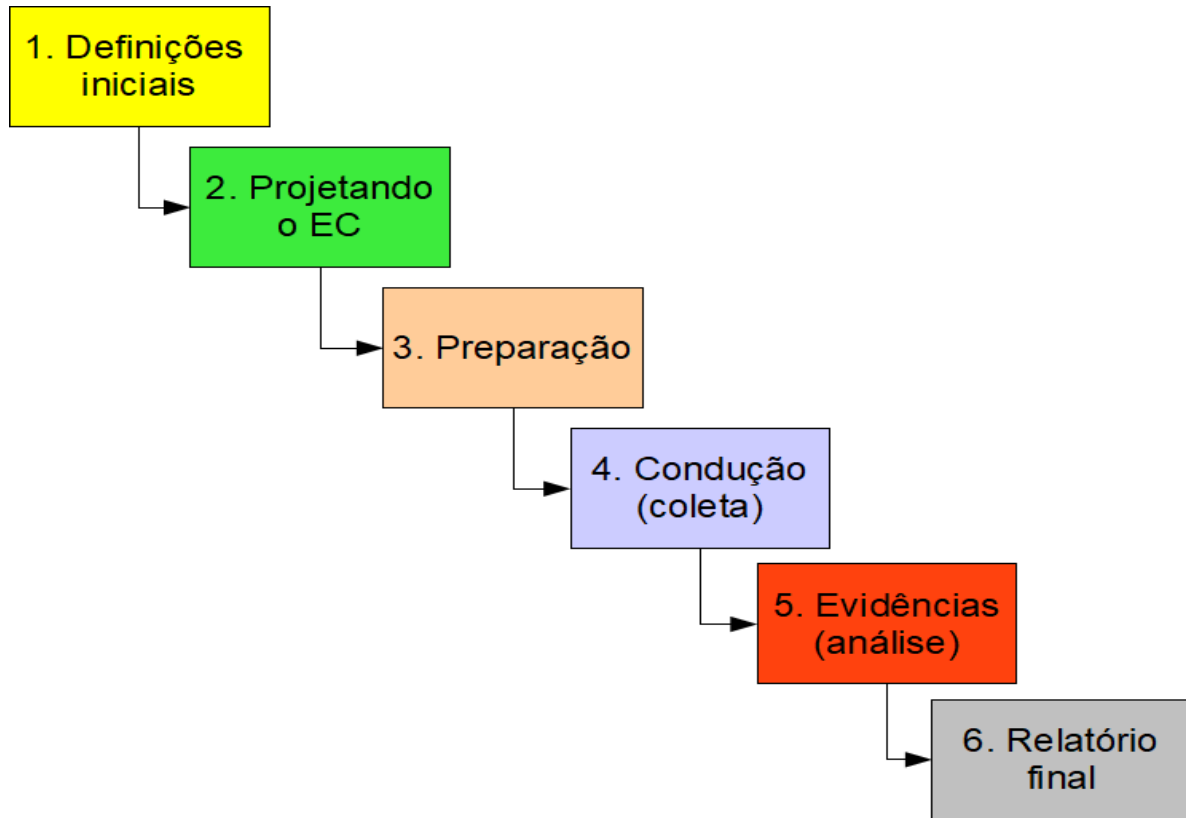
José Higino da Silva Neto

7.1 - O que é um EC?

EC é um método que aproxima à ideia de isolamento experimental. Em Administração pode ser melhor utilizado, pois muitas vezes associam a expressão *estudo de caso* a uma pesquisa realizada em uma organização. No entanto, o método EC vai muito além, pois pode ser utilizado para estudar um planejamento urbano, um programa público governamental, assim como pesquisas de avaliação em empresas. É um método baseado nas perguntas “como” e “por que”, pode ser exploratório, explanatório ou descritivo. Além disso, pode ser único ou múltiplo. Por fim, o EC não é a mesma coisa que Caso para Ensino e também não é variante de outro método. Duas importantes referências para EC são Robert Yin e Robert Stake.



7.2 Passo a passo do EC



Descrição dos passos

1º. Definições iniciais

- Definir a questão de pesquisa
- Buscar temas e problemáticas contemporâneas
- Método para investigações empíricas
- Pode ser qualitativo ou quantitativo
- Pode ser utilizado como pesquisa de avaliação (políticas públicas, programas etc)
- Defina o fenômeno, dentro de um determinado contexto
- Procure a triangulação dos dados

2º. Projetando o EC

- Definir se o estudo será único ou múltiplo

- Definir se o estudo será holístico ou incorporado
- Procure a validade do constructo (buscar múltiplas fontes de dados)
- Alcançar validade interna (adequação ao padrão)
- Alcançar validade externa (tornar o mesmo replicável)
- Alcançar confiabilidade (protocolo)
- Manter a sequência lógica do objetivo à conclusão do estudo
- Definir a unidade de análise
- Definição/revisão da teoria
- Em relação ao EC ser exploratório, defina: o que explorar? Qual o propósito?

3º. Preparação

- Realize treinamento (seminário para discutir sobre a teoria utilizada e as fases do estudo)
- Realize o protocolo (definição do campo de estudo, como acessar o campo de estudo; definição do destinatário, se será um indivíduo ou uma organização)
- Execute o caso piloto (procure um campo similar; execute essa ação como um laboratório; elabore o relatório dessa etapa experimental)

4º. Condução (coleta de dados primários e secundários)

- Acessar: documentos; registro em arquivo; artefatos físicos
- Realizar: entrevistas; observação direta e/ou observação participante,

5º. Evidências (análise)

- Examinar e categorizar os dados
- Classificar em quadros e/ou tabelas
- Adequação do estudo ao padrão pré-estabelecido
- Construção da explanação
- Apresentar séries temporais

6º. Relatório final

- Utilizar seções separadas: público a que se destina; como foi composto o EC; utilizar



estruturas ilustrativas; apresentar os procedimentos de coleta e análise; e as considerações (definindo como caso exemplar)

- Ser “atraente” na escrita
- A estrutura ilustrativa significa que a mesma pode ser: linear; comparativa; cronológica; e/ou uma construção de teoria
- Seu estudo precisa ser completo, ou seja, limitar o caso (fenômeno dentro do contexto)

7.3 Dicas de temas para EC

Governança, Gerencialismo, Simples Nacional, Programa de Aquisição de Alimentos, Programa Nacional de Alimentação Escolar, Transporte público, Cidades digitais, Metas públicas, Projetos públicos, Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), LOA, Gestão urbana, Accountability, Consórcios, Transparência, Indicadores, Cidades sustentáveis.



7.4 Dicas de leitura

BRANSKI, R.; FRANCO, R.; JUNIOR, O. Metodologia de estudo de casos aplicada à logística. In: XXIV ANPET Congresso de Pesquisa e Ensino em Transporte. 2010. p. 2023-10.

BRESSAN, F. O método do estudo de caso e seu uso em administração. Revista Angrad, v. 5, n. 1, p. 24-40, 2004.

BRUNING, C.; GODRI, L.; TAKAHASHI, A. Triangulação em Estudos de Caso: incidência, apropriações e mal-entendidos em pesquisas da área de Administração. Administração: ensino e pesquisa, v. 19, n. 2, p. 1-18, 2018.

CESAR, A. Método do Estudo de Caso (Case studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. REMAC Revista Eletrônica Mackenzie de Casos, São Paulo-Brasil, v. 1, n. 1, p. 1, 2005.

HEINZ, G. et al. Riscos orçamentários na administração universitária: um estudo de caso no setor público. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 24, n. 3, p. 699-721, 2019.



LUKOSEVICIUS, A.; GUIMARÃES, J. Uso do Método Estudo de Caso em Pesquisas de Gerenciamento de Projetos. *Gestão e Projetos: GeP*, v. 9, n. 2, p. 20-35, 2018.

MARUJO, N. O estudo de caso na pesquisa em turismo: Uma abordagem metodológica. *RTEP - Revista Turismo, Estudos e Práticas*, 5(1), 113-128, 2016.

MAZZOTTI, A. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.

STAKE, R. *Investigación con estudio de casos*. 4ª ed. Madrid (ES): Ediciones Morata; 2007.

TASCA, J.; ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. A avaliação de programas de capacitação: um estudo de caso na administração pública. *Revista de Administração Pública-RAP*, v. 46, n. 3, p. 647-675, 2012.

VASCONCELOS, Y et al. Método de estudo de caso como estratégia de ensino, pesquisa e extensão. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 16, n. 1, p. 48-59, 2015.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____. *Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 1994



Capítulo 8

Pesquisa-Ação (PA)

Camila Carvalho de Sena Pereira

Eudes Barros Diolindo da Silva

Jessica Silva Ferreira de Lima

Nicolas Bittencourt Almeida Lopes

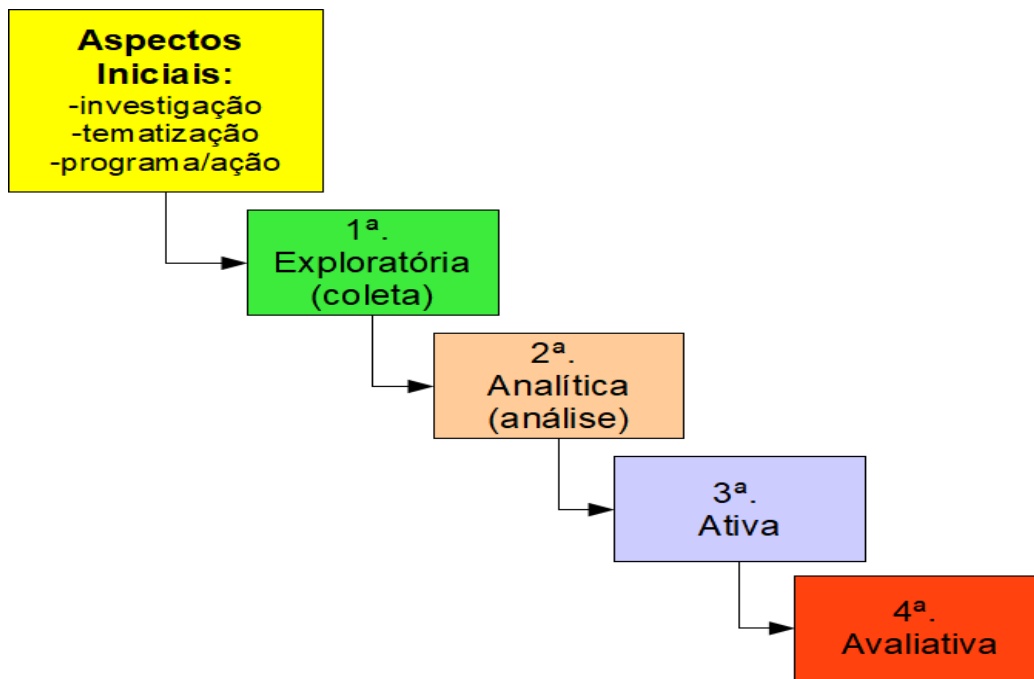
Carlos Everaldo Silva da Costa

8.1 - O que é uma PA?

Aqui focamos mais na PA do tipo cooperativa, conforme Thiollent e Oliveira (2016), mas para qualquer tipo de PA, aprendemos muito mais sobre esse método quando internalizamos o seu sentido do que quando focamos na aplicação de suas ferramentas. Isso porque na PA é necessário problematizar uma relação entre o lado da investigação/da pesquisa e o dos participantes, sendo este o da possibilidade de mudança. É importante partir de uma situação real e em todo o processo de pesquisa que utiliza o método PA a comunicação entre esses lados precisa ser igualitária, com a troca de saberes constante. Isso pode até levar a construções teóricas e práticas. Desde seu fundador Kurt Lewin, quem utiliza o método PA entra em imersão na respectiva situação humana, fazendo o acompanhamento na busca por um processo de mudança. Todos os participantes, pesquisadores e sujeitos locais, pensam e refletem sobre o que estão fazendo. O método é baseado na ação-reflexão, teoria-prática, participação e solução de problemas. Acompanhando a era digital (eresearch), a PA converge essa postura com a perspectiva de pesquisa face-a-face. Para a PA é importante o gestor considerar os problemas sociais que nos cercam, as demandas da sociedade e proporcionar os benefícios que o método pode trazer. Sobre a PA é importante desvincular o método à intervenção, pois esta postura afasta a possibilidade de participação igualitária entre os lados da pesquisa. No Brasil, uma das referências é Michel Thiollent que enfatiza essa postura transformativa e participativa do método que gera benefícios a todos os envolvidos (pesquisadores e sujeitos locais).



8.2 Passo a passo (fases) da PA³



Descrição dos passos

Abordagens	Qualitativa?	Quantitativa?	Mista?
Observação 1	Conhecimento e compreensão da problemática de determinado grupo		
Investigação	Qual a percepção coletiva que o grupo tem de sua própria problemática, situação atual?		
Observação 2	Relação entre teoria estudada (fazer citação) e o que foi encontrado no grupo		
Tematização			
Observação 3	Quais aspectos podem ser propostos capazes de motivar o grupo através de uma programação coerente e com a realidade deles		
Programação/Ação	Qual a possibilidade de capacitação dos integrantes desse grupo?		

³ O tipo de PA aqui apresentado é o cooperativo, com base em Thiollent (2008)

1ª fase EXPLORATÓRIA	Identificar as necessidades, características do universo a ser pesquisado, representações prévias, bem como levantamentos bibliográficos	Descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas. Esclarecer um primeiro levantamento (diagnóstico) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações	Como fazer isso? Os pesquisadores apresentam suas proposições ao grupo em um seminário que busca aproximar as perspectivas teóricas dos pesquisadores às práticas dos participantes.
	Coleta	Os pesquisadores procuram informações necessárias para dar andamento à pesquisa. As técnicas são definidas em função do seminário e servem tanto para acompanhamento e controle das ações práticas como suporte para análise. As técnicas podem ser: entrevista coletiva nos locais de moradia ou de trabalho; e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado. É possível ainda aplicar questionários convencionais e técnicas antropológicas como: observação participante, diários de campo, histórias de vida, dentre outras.	
2ª fase ANALÍTICA	Apresentação dos dados coletados para discussão, análise e interpretação conjunta entre pesquisadores e participantes. A análise serve para o aprendizado de todos a respeito do problema. Isso envolve a produção e a circulação de informações, além das tomadas de decisão a respeito de como serão tratados os problemas levantados na fase exploratória. Essa fase termina com o interação entre os saberes práticos e teóricos para construir conhecimentos.		
3ª fase ATIVA	Definição de um plano de ação dos participantes, com os objetivos e critérios de avaliação da pesquisa, identificando os atores e as relações entre eles para depois traçar estratégias que assegurem a participação dos sujeitos na ação. Também é definida a metodologia de avaliação conjunta dos resultados que sirva como subsídio para a última fase da PA.		
4ª fase AVALIATIVA	Aqui ocorrem as avaliações da efetividade das ações desenvolvidas e do conhecimento desenvolvido pelos pesquisadores. É encerrada com o retorno dos resultados da pesquisa aos participantes, assim como a divulgação dos resultados científicos em eventos, congressos, teses e demais publicações acadêmicas.		



8.3 Dicas de temas para PA

Tendo em vista a interação entre universidade e comunidade externa (sociedade), é importante e relevante pensar em contextos como os de cooperativas e outras organizações de bairros, ou de locais à margem de um processo de desenvolvimento como panificações, confecções, seja no segmento de produção ou serviço.

8.4 Panorama das publicações em Administração

Periódico (sigla)	Ano	Teórico	Empírico	objeto	Qualitativo	Quantitativo
Sociedade, contabilidade e gestão	2018	x			x	
	2008	x			x	
Organizações em contexto	2014	x			x	
	2014		x	Buffet		x
	2014		x	Empresa de tecido	x	
	2016	x				x
	2016		x	Município rural	x	
	2019	x				x
FEA	2018		x	Equipamentos culturais	x	
RACE	2006	x		Empresa de consultoria	x	
	2008		x	Secretaria de saúde, em SC	x	
	2014		x	Ensino de administração de produção	x	
	2014		x	Aprendizagem	x	
RAHIS	2017		x	Instituição pública de ensino	x	
	2019	x				x
	2019	x			x	
	2019		x	Organização de catadoras (As triflores)	x	
REA	2019		x	Igreja	x	
	2015		x	Universidade	x	
Revista de administração	2007		x	Ensino de Ciências	x	
	2011		x	Alunos 6ª série EJA	x	
Administração pública e gestão social	2012		x	ONGs	x	
Administração, ensino e pesquisa	2010	x				x
	2014		x	Sala de aula	x	
	2020		x	Ensino	x	
Gestão pública: práticas e desafios	2014		x	Empresa pública (setor de energia elétrica)	x	
GESTÃO.ORG	2005	x			x	
	2016	x			x	
RAU	2020		x	Um pequeno varejo de bijuterias e acessórios	x	
	2007		x	Restaurante em Blumenau – SC	x	
Rev Bras de Adm Científica	2018		x	Escola San Agustín em Ciudad del Este	x	
	2020		x	Política Pública: equidade de gênero	x	
Rev Bras de gestão e Desenv Regional	2007	x			x	
	2019	x			x	
Rev Ciênc Adm	2006	x			x	
RARR	2019		x	Organização de pequeno porte	x	
Rev de Gestão da tec e sist de inf	2012		x	Empresa privada: ataque de liderança.	x	
	2018		x	Hospital	x	
	2017		x	tomateiro de mesa - Empresa Hortaliças		x
	2013		x	Instituição de Ensino Superior		x
	2015		x	Empresa pública do setor de energia elétrica	x	
Rev Gestão e Conhecimento	2014		x	Igreja		x
	NI	x			x	
	2014		x	GRUPO GESTII		x
Rev Gestão e Controle	2005		x	Doutores da Alegria	x	
	2019		x	Igreja	x	
Rev Gest e Sustent Amb	2020		x	Unidade da UERGS em Soledade	x	



8.5 Dicas de leitura

LODI, M.; THIOLENT, M.; SAUERBRONN, J. Uma Discussão Acerca do Uso da Pesquisa-ação em Administração e Ciências Contábeis. Sociedade, Contabilidade e Gestão, v. 13, n. 1, 2018.

PICHETH, S.; CASSANDRE, M.; THIOLENT, Michel Jean Marie. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. Educação, v. 39, n. Esp, p. s3-s13, 2016.

SILVA, A.; BAIOTTO, C.; COCCO, I. A pesquisa como um princípio pedagógico de aprendizagem segundo perspectivas em pesquisa-ação de Thiollent. *DI@ LOGUS*, v. 6, n. 3, p. 106-122, 2018.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, M.; OLIVEIRA, L. Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação. *CIAIQ2016*, v. 3, 2016.

TOLEDO, R.; GIATTI, L.; JACOBI, P. A pesquisa-ação em estudos interdisciplinares: análise de critérios que só a prática pode revelar. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, p. 633-646, 2014.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.



Capítulo 9

Análise de Conteúdo (AC)

Gabriel da Costa Santos

Janaina Elayne de Lima Gomes

Joselayne Alves de Oliveira

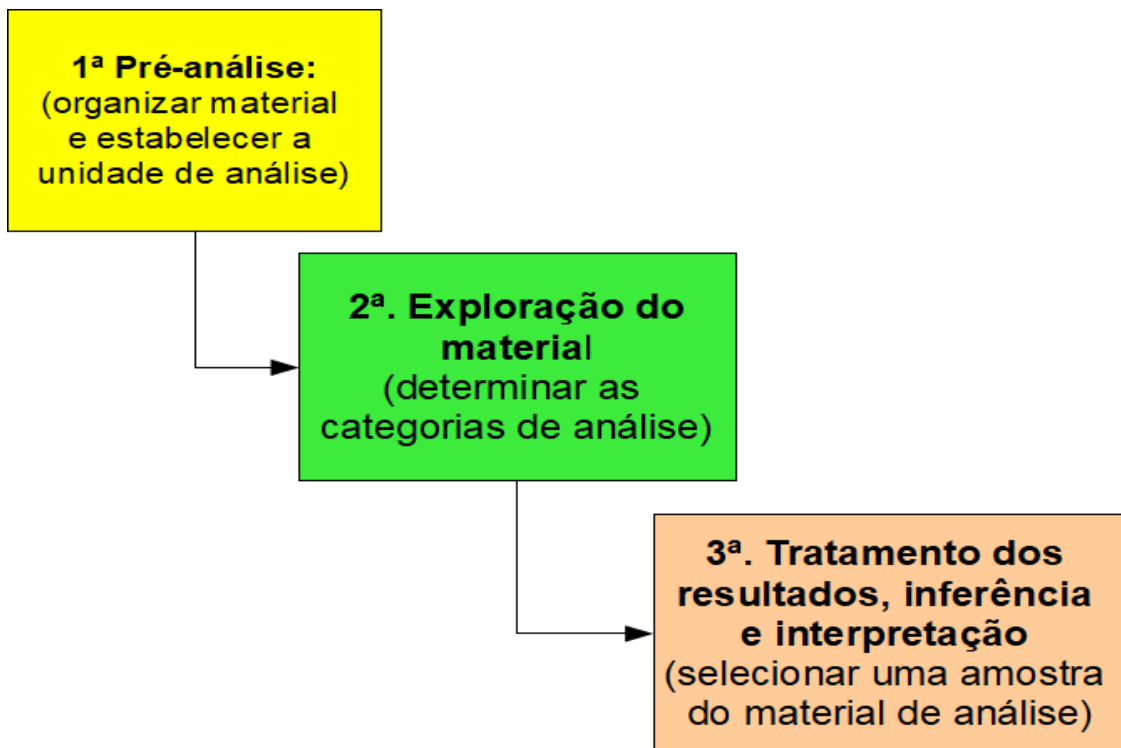
Maycon Douglas Nobrega Lopes

9.1 - O que é uma AC?

AC é um método que, antes de tudo, precisa ser diferenciado de Análise de Discurso. São métodos com objetivos distintos. AC tem como referência a autora Laurence Bardin que desenvolveu o método capaz de utilizar técnicas de análise de comunicação para sistematizar os conteúdos apresentados. A intenção é que, a partir do interesse da pesquisa, sejam registradas informações a partir de um texto (de revista, redes sociais etc), um documento, uma fala, vídeo. O principal foco da AC é estabelecer uma unidade de análise, ou seja, se palavras tipo binômios, ou temas. A partir do corpus são criadas categorias a partir das semelhanças das expressões, ou que reflitam determinados aspectos e/ou ações. Uma das ferramentas popularmente utilizada e inspirada na AC é a nuvem de palavras, em que quanto mais uma expressão ou palavra é citada no texto, maior ela aparece. É um trabalho com forte tendência quantitativa a partir de determinado índice. Não há uma fórmula para a AC e a criação das categorias ocorrerá a partir de cada pesquisador(a). Por isso, uma dica é realizar um treinamento prévio e rigor sobre seu uso.



9.2 Passo a passo da AC



Descrição dos passos

Observações gerais:		
<p>Obs. 0: Base: Bardin</p> <p>Obs.1: não há formulas, mas orientação geral</p> <p>Obs.2: treinamento prévio dos pesquisadores</p> <p>Obs. 3: o tratamento dos dados – seja quali ou quanti – deve ser realizado por mais de 2 pessoas para minimizar erros de viés</p>		
<p>Pré-análise</p> <p>(organizar material e estabelecer uma unidade de análise)</p>	Leitura fluante	Contato com os documentos da coleta de dados para gerar as primeiras impressões do que será analisado
	Escolha/organização dos documentos para demarcar o que será analisado	Buscar exaustividade (todo material disponível), representatividade (material fiel ao que o estudo se propõe), homogeneidade (manter um critério dos materiais selecionados)
	Formular hipóteses (para pesquisa quanti) e/ou objetivos	Construir um quadro teórico sobre o tema
	Referenciação dos índices e elaboração de indicadores	<ul style="list-style-type: none"> - Determinar indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise; - Grade aberta (a posteriori ou indutiva), grade fechada (a priori ou dedutiva), grade mista; - Sintático/lexical (frequência das palavras; ordenação das palavras; vocabulário; tipos de palavras; verbos; adjetivos; pronomes); - Semântico/temático (o que é dito ou escrito, tipo sentenças) - Expressivos (variações na linguagem e na escrita; problemas de linguagem)
<p>Exploração do material</p> <p>(determinar as categorias de análise)</p>	Definir categorias (sistemas de categorias)	Orientado pelo objetivo/problema da pesquisa
	Identificar unidades de registro/análise	<ul style="list-style-type: none"> - Unidade de significação a codificar (segmento de conteúdo para categorizar e gerar contagem e frequência, quando quanti) - Unidade de registro (palavra; tema; personagem; item) - Unidade de contexto - Unidade de enumeração (frequência)
	Construção do corpus	Qualquer material textual coletado (texto, áudio, imagens, vídeos etc)
	Relação com a teoria	-
<p>Tratamento dos resultados, inferência e interpretação</p> <p>(Selecionar uma amostra do material de análise)</p>	Condensação	<ul style="list-style-type: none"> - Agrupar em unidades e reagrupar - Pode fazer um pré-teste
	Interpretações	-
	Intuição/ reflexão/ criatividade	-



9.3 Dicas de temas para AC

Análise de temas emergentes, apresentados em seus conteúdos comunicativos, que são ricos e apresentam questões polissêmicas que podem remeter a uma variedade de interpretações. Por isso o método auxilia nessa espécie de mensuração, para torná-lo palpável, indo além do que está aparente na mensagem. Você pode buscar estudar algum tema, vinculado ao método AC seja em revistas, propagandas, narrativas (incluindo entrevistas) ou textos, vinculados às questões do domínio da linguística, métodos lógicos estéticos, métodos lógicos formais, aspectos semânticos, aspectos semânticos estruturais, assim como aspectos vinculados a hermenêutica.



9.4 Dicas de leitura

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

CHAGAS, Viktor et al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*, n. 38, p. 173-196, 2017.

FONSECA, P.; ALVES, V.; LIMA, L. Cultura do Estupro: uma análise de conteúdo sobre a percepção dos usuários via Twitter. *Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE*, v. 1, n. 1, p. 75-84, 2017.

FRANCO, M. Análise de conteúdo. 2 ed. Brasília: Líber, 2005.

LEITE, R. A perspectiva da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: algumas considerações. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 9, p. 539-551, 2017.

MOZZATO, A.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. *Revista de Sociologia e Política*, v. 26, n. 66, p. 31-47, 2018.

SILVA, A. et al. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. *Conhecimento Interativo*, v. 11, n. 1, p. 168-184, 2017.



Capítulo 10

Grounded Theory (GT)

Carlos Roberto da Silva

Carlos Victor Silva dos Santos

Jade Demettino Castro Souza

Carlos Everaldo Silva da Costa

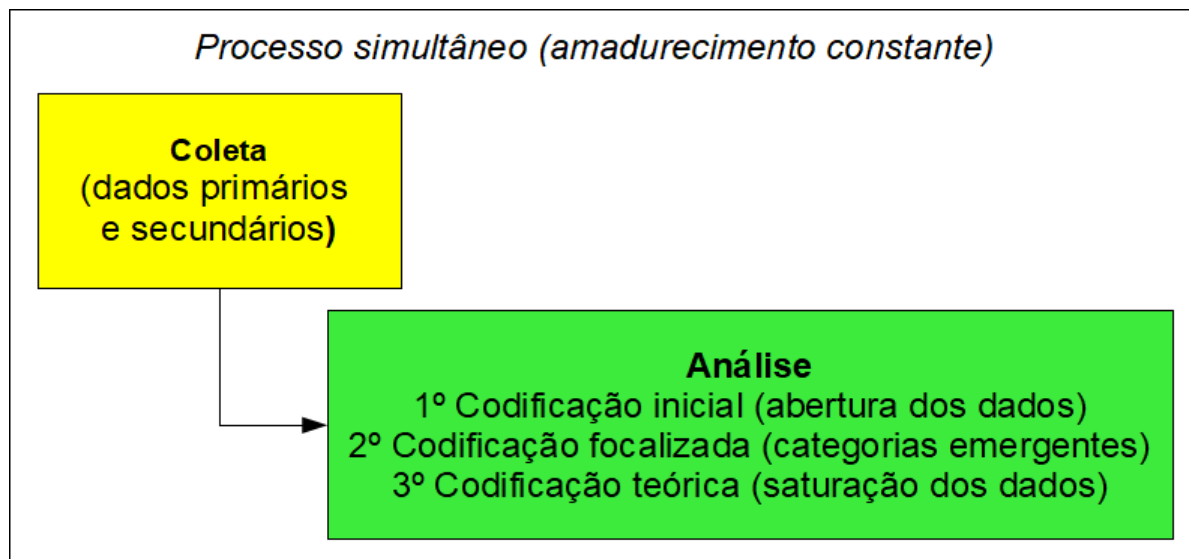
10.1 - O que é o método GT⁴?

Esse método, também conhecido como teoria fundamentada nos dados, desenvolvido por Glaser e Strauss (1967), continuou a ser desenvolvido por Strauss e Corbin (1997) e atualmente tem como uma de suas referências a autora Charmaz (2009, 2014). É um método alternativo que reconhece as ações, em tempo real, a partir dos sujeitos locais. Por conta disso, não é baseada em categorias teóricas, pois é o contexto empírico, com singularidades e irregularidades que ditaram os aspectos teóricos que, por mérito, reforçarão os dados empíricos. Os objetivos podem ser alterados durante a pesquisa, tendo em vista o amadurecimento do estudo, ou seja, é um método comparativo constante em que a coleta e análise são simultâneas durante toda a pesquisa. Quando os dados alcançam saturação, ou seja, não surge mais nada de novo no campo de pesquisa, é que as codificações começam a ser realizadas. Em resumo, a GT é um método que utiliza, no início, uma sensibilização teórica, tendo em vista conhecer o tema de pesquisa e amadurecer a questão de pesquisa. Após essa sensibilização, que não envolve criar nenhuma categoria de análise, o pesquisador vai a campo para conhecer, livremente, o que ocorre naquele contexto. E quanto mais o conhece passa a construir categorias empíricas até nenhum dado novo surgir até que alcança a fase de saturação dos dados. Aí sim, aspectos teóricos – a partir do que foi encontrado na prática (vinculados à prática) – reforçam esses dados empíricos. Como auxílio, podem utilizados softwares qualitativos.

4 As observações sobre a GT são vinculadas a perspectiva de Charmaz (2009, 2014)



10.2 Passo a passo da GT



Descrição dos passos

Processo Simultâneo	Coleta	Primários		informantes-chave
		Entrevistas intensivas		
		Conversas informais		
		Memorandos (anotações)		
	Secundários		Análise textual (documentos)	
	Análise	Codificação	Inicial (abertura dos dados)	Dados abrangentes e gerais capazes de identificar atores, o contexto local etc
Focalizada (categorias emergentes)			Dados iniciais amadurecidos em categorias mais robustas	
Teórica (saturação dos dados)			Não é possível encontrar dados novos	

Fonte: elaboração própria a partir de Charmaz (2009)

10.3 Dicas de temas para GT

Cooperativas; associações; organizações em geral; feiras livres; em temas associados a sociologia, música, educação, psicologia; gestão de pessoas; temas envolvidos ao

comportamento dos indivíduos; gestão de marketing; gestão de serviços; comportamento do consumidor; antropologia das organizações, como reforço a etnografia, netnografia ou fotoetnografia;



10.4 Dicas de leitura

BIANCHI, E.; IKEDA, A. Usos e aplicações da grounded theory em administração. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 6, n. 2, p. 231-248, 2008.

BRANDÃO, C. Et al. Gestão Financeira e Saber Local: um Diálogo entre universidade e artesãs da Ilha de Santa Rita, Marechal Deodoro-AL. In: ENANGRAD, 2020.

CHARMAZ, K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. The power and potential of grounded theory. Medical Sociology Online, v. 6, n. 3, p. 2-15, 2012.

_____. Constructing grounded theory. London: Sage, 2014.

COSTA, C., NETO, C., AMANTINO, J. Ação e Heterogeneidade de Lógicas Institucionais na Construção da Convivência com o Semiárido em Alagoas. In: Enapegs, Juazeiro do Norte – CE, 2018.

GLASER, B.; STRAUSS, A. Grounded theory: The discovery of grounded theory. Sociology The Journal Of The British Sociological Association, v. 12, p. 27-49, 1967.

IKEDA, A.; BIANCHI, E. Considerações sobre usos e aplicações da grounded theory em administração. Revista de Administração FACES Journal, v. 8, n. 2, 2009.

MEDEIROS, A.; SANTOS, J.; ERDMANN, R. A teoria fundamentada nos dados na pesquisa em administração: evidências e reflexões. Rev de Ciências da Administração, v.21, n.54, p.95-110, 2019.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Grounded theory in practice. Sage, 1997.



Capítulo 11

Etnografia

Alexandre Vital dos Santos

Camila Maria Lima dos Santos

Chrisley Alex dos Santos

Elenilson Da Silva Rodrigues

Felipe Henrique da Silva Costa

Gisele Ingrid da Silva Figueiredo

Karine Santana dos Santos

Lyvia Rocha Firmo

Paulo Ronald Galvão dos Santos

Vinnícius Henrique Silva de Jesus

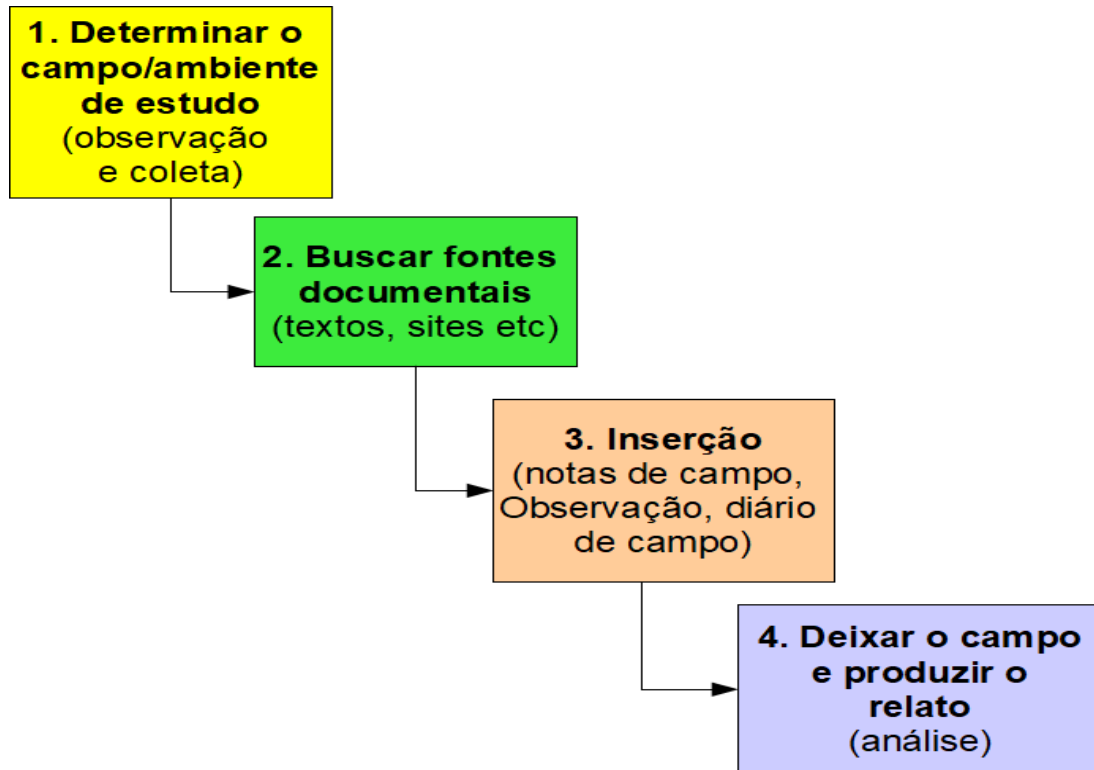
Yasmin Firmino Ferreira



11.1 - O que é uma Etnografia?

Etnografia, é um método capaz de analisar o comportamento ou costumes de determinado indivíduo ou grupo inserindo o pesquisador presencialmente em determinado contexto em que ele reconheça o outro, como se fosse outro o outro, a partir do olhar/lugar do outro. Exige essa imersão por parte do pesquisador, respeitando o lócus de pesquisa e seus participantes, sem juízo de valor.

11.2 Passo a passo da Etnografia



11.3 Dicas de temas para Etnografia

Consumo; Cultura organizacional; Marketing; Associações; Cooperativas; e demais temas em que o pesquisador possa realizar essa imersão no referido contexto.

Periódico (sigla)	ano	temática	teórico	empírico	qualitativo	quantitativo
Sociedade, contabilidade e gestão	2018	Pesquisa em Contabilidade		x	x	
Gestão.org	2018	design etnográfico para potencializar projetos de design	x		x	
RBE0	2016	Produção científica brasileira.	x			x
RBE0	2014	Fracassos no acesso às organizações no Brasil		x	x	
RAU	2014	Experiência de Consumo		x	x	
Gestão e conhecimento	2012	formação de administradores	x		x	
Gestão universitária da América Latina	2011	gestão estratégica, gestão social	x		x	
Gestão industrial	2009	conhecimento, sustentabilidade	x	x		x
RAU	2007	Paradigma do Interacionismo relacionado a metodologia etnográfica	x			x
RAU	2007	Etnografia e teoria dos papéis	x		x	



11.4 Dicas de leitura

KOURY, M.; BARBOSA, R. Sob os olhos da vizinhança: uma etnografia das formas de controle e administração das tensões em um bairro popular. Sociabilidades Urbanas, p. 15, 2017.

LOURENÇO, C.; FERREIRA, P.; ROSA, A. Etnografia e grounded theory na pesquisa de marketing de relacionamento no mercado consumidor: uma proposta metodológica. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 9, n. 4, p. 99-124, 2008.

MAGNANI, J.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

OFENHEJM MASCARENHAS, A. Etnografia e cultura organizacional: uma contribuição da antropologia à administração de empresas. Revista de Administração de Empresas, v. 42, n. 2, p. 1-7, 2002.

PEREIRA, S.; SANTOS, F.; SOUZA, R. Pesquisas etnográficas nos estudos organizacionais: análise dos artigos publicados no ENANPAD (1997-2017). In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia-2018. 2018.

SANTOS, N. et al. Etnografia em Marketing: uma visão antropológica nos estudos do consumo. Revista Gestão em Análise, v. 7, n. 2, p. 202-211, 2018.



Capítulo 12

Netnografia

Damara Elen Cavalcante dos Santos

Gabriele Maria Gomes da Silva

Kaucione Gouveia Silva

Larissa Myrella dos Santos

Maíra de Oliveira Monteiro

Marianna de Fátima Holanda Carvalho

Elias Pereira Gonzaga

Esthefane Karoline Dos Santos Conceição

Ewerton Bruno Santos de Oliveira

Girláine Cunha dos Santos

Lucas Jonathan Ferreira de Oliveira

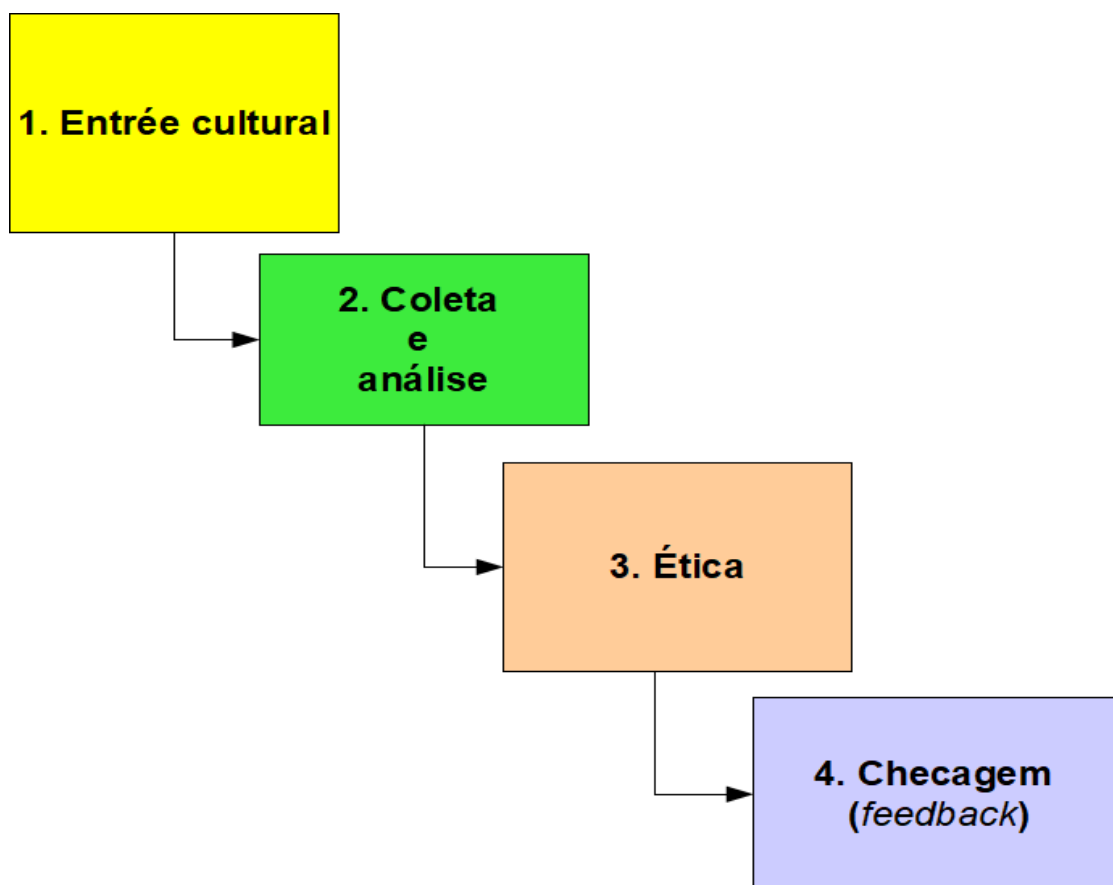
Maria Karolina da Silva Barros



12.1 - O que é uma Netnografia?

Também conhecida como etnografia virtual, a netnografia é um método que parte da etnografia para inserir o pesquisador em determinado grupo social existente nas redes sociais, principalmente. Grupos de whatsapp, sites de empresas na parte em que há a interação entre organização e clientes, facebook, instagram etc. A extração de dados pode ser uma ferramenta de pesquisa capaz de auxiliar a netnografia na fase de coleta dos dados.

12.2 Passo a passo da Netnografia



12.3 Dicas de temas para Netnografia

Temas vinculados a grupos inseridos em sites ou demais redes sociais são temas ferteis para estudo da netnografia.

Periódico (sigla)	Ano	Temática	Teórico	Empírico	Qualitativo	Quantitativo
RAV	2020	Análise de atrativos turísticos do Rio de Janeiro através de comentários publicados no TripAdvisor		X	X	
ADM.MADE	2019	SMARTPHONES COM APELOS VERDES: PERCEPÇÕES DE VALORES PARA CONSUMO	X		X	
SCG	2018	Netnografia para pesquisas em Administração	X			
RAEP	2018	Os deslizes nos estudos em administração pública e de empresas	X	X	X	
READ	2018	Autenticidade e consumo de rock clássico no Facebook		X	X	
Pensamento & Realidade	2016	Interações e influência no comportamento de consumidores	X	X	X	
GESTÃO.ORG	2015	Redes de comunicação online		X	X	
REUNA	2015	Facebook e Whatsapp	X			
RAI	2014	Comportamento do consumidor por meio das inovações tecnológicas	X		X	
PG&C	2014	Uso da Netnografia para análise do fórum eletrônico	X	X	X	
PG&C	2013	Análise de comportamentos antiéticos ou antisociais no Twitter	X	X	X	
ADM.MADE	2013	Uma Investigação sobre a Comunidade Virtual de Marca do Concurso Comida Di Buteco	X		X	
ADM.MADE	2013	Interação Social e Consumo em uma Comunidade Virtual: o Caso do Bazar Virtual Tendetudoumpouco		X	X	
Organizações em Contexto	2010	Método da Netnografia à partir de levantamento da literatura	X		X	



12.4 Dicas de leitura

BATISTA, F.; CRESCITELLI, E.; FIGUEIREDO, J. O Uso de Netnografia no Estudo do Relacionamento de Marcas nas Redes Sociais: Um Estudo de Caso. In: VII Simpósio Internacional de Administração e Marketing e IX Congresso de Administração da ESPM. 2017.

CORREIA, R.; ALPERSTEDT, G.; FEUERSCHUTTE, S. O uso do método netnográfico na pós-graduação em Administração no Brasil. Revista de Ciências da Administração, v. 1, n. 1, p. 163-174, 2017.

EBERT, P.; FROEMMING, L.; JOHANN, D. Franquias Virtuais: uma nova estratégia para os varejistas no e-commerce. Desenvolvimento em Questão, v. 16, n. 45, p. 377-399, 2018.

MACIEL, A.; CARDOSO, J.; JÚNIOR, J. Relacionando funções das marcas e fatores de influência dos usuários: estudo netnográfico em comunidades virtuais. Behavior Review, 4(2), 146-161, 2020.

MONTEIRO, N.; PETERLEVITZ, G.; SCACHETTI, R. Queixas e benefícios associados ao trabalho embarcado: relatos on-line de trabalhadores de cruzeiros marítimos. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 43, 2018.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. Esferas, v. 1, n. 3, 2014.

ROCHA, P.; MONTARDO, S. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In: E-compós. 2005.



Capítulo 13

Fotoetnografia

Arthur de Sá Sousa

Pedro Felipe Soares de Lima

Sarah Alice Nascimento da Silva Lima

Camila Oliveira Portella

Isabella Alice de Deus Dias

João Batista dos Santos Filho

Nathalya Louize Nunes dos Santos

Vanessa das Chagas Lucena

13.1 - O que é uma Fotoetnografia?

Também conhecido por Etnografia visual ou Antropologia visual, a fotoetnografia trabalha com registro fotográfico como método, tendo em vista cenas e fatos cotidianos (narrativa imagética). A rua é a grande cena em que são captados movimentos rápidos. Na fotoetnografia, o ver precede as palavras, pois retrata o momento. Desse específico olhar compreendemos que a imagem é afetada pelo que sabemos (singular, própria).



13.2 Passo a passo da Fotoetnografia

1. Dimensão técnica

Câmera: qualidade da foto (manter/padronizar)
Objetiva: ajuste da distância (regular/padronizar o zoom)
Acessórios: preparar para condições adversas
Película ou arquivo digital: forma de publicação e o tratamento (definir se preto e branco etc)

2. Dimensão operacional

Observação participante: inserção no cotidiano
Notas e Diários de campo: registro dos eventos por foto; e anotações pessoais e emocionais do(a) pesquisador(a)
Planejamento e entrada cultural: comunidade vinculada ao objetivo; interação entre os participantes; cronograma
Coleta: In loco, pelo(a) pesquisador(a); fotos; observação participante; conversas informais; entrevistas (se puder)
Análise: Significado das fotografias; Que dados você tem? O que a câmera testemunhou? Estrutura categórica (classificação)
Apresentação: Relatório (relação entre teoria e foto); Exposição; Responder o objetivo do estudo; Limitações; Dicas futuras



13.3 Dicas de temas para Fotoetnografia

Cultura organizacional; Cultura do consumo; Comportamento organizacional; Gestão por processos; Marketing; Gestão de pessoas; Empreendedorismo; Gestão de serviços; Inovação.



13.4 Dicas de leitura

BONI, P.; MORESCHI, B. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, n. 3, p. 137-157, 2007.

CALZA, M. Retratos do vestir: apontamentos para um ensaio fotoetnográfico da camiseta estampada nas ruas. Discursos Fotográficos, v. 5, n. 7, p. 181-200, 2009.

CAVEDON, N. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. Organizações & Sociedade, v. 12, n. 35, p. 13-27, 2005.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; FANTINEL, Leticia Dias; OLIVEIRA, Josiane Silva de. Etnografia audiovisual: potenciais e desafios na pesquisa organizacional. *Organizações & Sociedade*, v. 26, n. 90, p. 579-606, 2019.

FONSECA, S.; SILVA, A.; LEITE, E. Fotoetnografia: Uso e Possibilidades como Método de Pesquisa em Administração. *Discursos Fotográficos*, v. 14, n. 24, p. 161-189, 2018.



Capítulo 14

Netnografia

Beatriz Gondim Matos

14.1 - O que é um Caso para ensino?

O caso para ensino é uma narrativa que apresenta um recorte temporal de fatos ocorridos em uma organização que culmina com uma situação problema. Por exemplo: a decisão pela expansão de uma organização, ou reposicionamento de uma marca, lançamento de novos produtos, dentre outros.

O enredo é real, mas pode conter alguns elementos fictícios para tornar a história mais envolvente.

O propósito do caso para ensino é instigar a busca do leitor por soluções gerenciais ao se colocar no lugar dos gestores e/ou outros personagens presentes no caso.



14.2 Panorama das publicações no Qualis Capes sobre Casos para ensino em Administração

Nome	Qualis (2016)	Qualis (2019)	Tipo de Trabalhos	Periodicidade	Máx de autores	Tempo de resposta	Prazo submissão	Site
Economia e Gestão - PUC Minas	B2	A4	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não informa	Aberta	http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/about
Gestão e Sociedade - UFMG	B2	B1	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não informa	Aberta	https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/about/editorialPolicies#focusAndScope
International Review on Public and Nonprofit Marketing	B1	SQ	Artigos e Caso para Ensino	Trimestral	-	Não informa	Aberta	https://link.springer.com/journal/volumesAndIssues/12208
Latin American Business Review	B1	A4	Artigos e Caso para Ensino	Trimestral	-	Não informa	Aberta	http://www.coppead.ufrj.br/labr/
NAU Social	B4	A3	Vários formatos.	Semestral	-	Não informa	Aberta	http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/rs/about/editorialPolicies#focusAndScope
PODIUM: SPORT, LEISURE AND TOURISM REVIEW	B3	A4	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	-	Aberta	http://www.podiumreview.org.br/ojs/index.php/rgesporte/about/editorialPolicies#focusAndScope
PRETEXTO - FUMEC	B2	A3	Artigo e Caso para Ensino	Trimestral	-	3 meses entre o recebimento e primeiro parecer	Aberta	http://www.fumec.br/revistas/pretexto/about/editorialPolicies#focusAndScope
Revista Administração: Ensino e Pesquisa RAEP	B1	A3	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não informa	Aberta	https://raep.emnuvens.com.br/raep/about/editorialPolicies#focusAndScope
Revista Alcançe	B2	A3	Artigos e Caso para Ensino	Trimestral	4 autores	-	Aberta	http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/index
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	A2	A4	Artigo e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	-	Aberta	https://www.rbtur.org.br/rbtur/about/editorialPolicies#publicationFrequency



Revista Ciências Administrativas – RCA - Unifor	B2	A4	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não in-forma	Aberta	http://periodicos.unifor.br/rca/about/submissions#onlineSubmissions
Revista da Micro e Pequena Empresa – RMPE	B2	A4	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não in-forma	Aberta	http://faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/about
Revista de Administração Contemporânea RAC	A2	A2	artigos, resenhas, notas bibliográficas e documentos para a reflexão da comunidade	Bimestral	-	MIN: 7 Meses MAX 14 meses	Aberta	http://www.anpad.org.br/periodicos/content/frame_base.php?revisita=1
Revista de Administração e Inovação RAI	B1	A2	Artigos e Caso para Ensino	Trimestral	-	-	Aberta	http://www.revistas.usp.br/rai/about/submissions#onlineSubmissions
Revista de Administração Pública e Gestão Social	B1	A4	Artigos e Caso para Ensino	Trimestral	-	Não in-forma	Aberta	http://www.apgs.ufr.br/index.php/apgs/about/editorialPolicies#focusAndScope
<i>Revista de Contabilidade e Organizações</i>	A2	A2	Artigos e caso	Quadri-mestral	-	-	Aberta	https://www.revistas.usp.br/rco/about/editorialPolicies#focusAndScope
Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – REGEPE	B1	A3	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	4 autores			
Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade (RGFC)	B2	A3	Artigos e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	Não in-forma	Aberta	https://www.revistas.uneb.br/index.php/financ/about/submissions#author-Guidelines
<i>Revista Economia e Gestão</i>	B2	A4	Artigos, Casos, Estudo de caso, resenha.	Quadri-mestral	-	-	Aberta	http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/about/editorialPolicies#focusAndScope
<i>Revista Eletrônica Científica do CRA-PR-RECC</i>	B3	B1	Artigos, Caos Para ensino, Resenhas	Semestral	-	-	Aberta	http://recc.cra-pr.org.br/index.php/recc/about/editorialPolicies#sectionPolicies



Revista Eletrônica de Administração REAd	B1	A2	Artigos, Estudos de Caso e Casos para Ensino	Quadri-mestral	4 au-tores (Ver obs)	5 meses à 1 ano	Aberta	http://seer.ufrgs.br/index.php/read/about/submissions#authorGuidelines
Revista Eletrônica de Administração e Turismo (REAT)	B3	B2	Artigo e Caso para Ensino	Semestral	-	-	Aberta	https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/AT/about/editorialPolicies#focusAndScope
Revista Gestão & Tecnologia (G&T) - Fundação Pedro Leopoldo	B2	A3	Artigo e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	150 dias do recebimento à aceitação da publicação	Aberta	https://revistagt.fpl.edu.br/get/about/editorialPolicies#focusAndScope
Revista Gestão Organizacional - Unochapecó	B2		Artigo e Caso para Ensino	Quadri-mestral	-	não informa	Aberta	http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/about/submissions#online-Submissions
Revista Organizações em Contexto - Metodista	B2	A3	Artigo e Caso para Ensino	Semestral	-	não informa	Aberta	https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/OC/about/editorialPolicies#publicationFrequency
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração - UFF	B2	A3	Artigo e Caso para Ensino	Trimestral	-	não informa	Aberta	http://www.uff.br/pae/index.php/pca/about/submissions#author-Guidelines
Revista Produção e Desenvolvimento	B3	B2	Artigo, Casos para ensino	Quadri-mestral	-	-	Aberta	http://revistas.cefet-rj.br/index.php/producaoedesenvolvimento/about/editorialPolicies#sectionPolicies
Tecnologias de Administração e Contabilidade TAC	B2		Artigo e Caso para Ensino	Semestral	-	-	Aberta	http://www.anpad.org.br/periodicos/content/framebase.php?revista=4
Teoria e Prática em Administração TPA	B2	A3	Artigo e Caso para Ensino	Semestral	-	m média 10 meses entre a submissão e publicação	Aberta	http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tpa/about/editorialPolicies#publicationFrequency



14.3 Passo a passo do caso para ensino

O primeiro passo antes elaborar um caso para ensino é a construção do dossiê. O dossiê é a coletânea de notícias, textos, relatórios, dados primários e secundários em relação a uma ou mais organizações escolhidas. Durante a construção do dossiê também são definidas pessoas-chaves que possam contribuir para a compreensão da situação-problema. Estas pessoas, em geral, apresentam-se como os personagens principais quando da escrita do caso. Portanto, é relevante adotar os mesmos cuidados éticos que se tomariam ao adotar outro método.

Após a aplicação de entrevistas, o autor analisa todas as informações e avalia a necessidade ou não de obter mais informações. Após a análise dos dados e/ou corpus, e o dossiê consolidado, o autor esboça a primeira versão da narrativa do caso.

O autor define quais e quantos serão os personagens, os episódios da história, a transição entre os acontecimentos, o principal problema organizacional, dentre outros aspectos da metodologia do caso.

A construção do enredo poderá passar por diferentes refinamentos e, muitas vezes, é nesse momento que o problema organizacional emerge. É importante destacar que os dilemas organizacionais convidam à resolução do problema baseada em uma ou mais teorias.

O caso é dividido em duas partes principais: o enredo e as notas de ensino. As notas de ensino devem indicar perguntas, expectativas de respostas embasadas em disciplinas e teorias organizacionais, tempo para a aplicação do caso em sala, leitura recomendada para a resolução do caso e demais materiais complementares que possam enriquecer a aplicação do caso.



14.4 Dicas de leitura

ALBERTON, Anete; DA SILVA, Anielson Barbosa. Como escrever um bom caso para ensino? Reflexões sobre o método. *Revista de Administração Contemporânea*, 2018, 22.5: 745-761.

CURADO, Isabela Baleeiro. O método do caso. *Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração*, 2011, 6.

DE MELLO, Rodrigo Bandeira. O que não é um caso. *Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração*, 2011, 6.

ROESCH, S. M. A.; FERNANDES, F. **Como escrever casos para o ensino de administração**. São Paulo: Atlas, 2007.



Reflexões

Pesquisa/estudo científico como um processo de construção do conhecimento



Capítulo 15

Como construir temas de pesquisa atuais e relevantes

Francisco José Peixoto Rosário

15.1 Breves sugestões para se iniciar uma temática de pesquisa

Geralmente alunos de graduação que iniciam na pesquisa por meio da monografia ou de projetos de iniciação científica, tem dificuldade de gerar ideias de pesquisa. A pergunta é como um pesquisador novíço pode encontrar uma melhor forma para gerar ideias?

Esta questão é um pouco ampla, pois vejamos:

- Como você pretende a chegar nas ideias iniciais? Você já pensou em algum roteiro ou método de pesquisa?
- Suas ideias para outros trabalhos vêm de onde? Colegas, busca intencional por meio de leituras, inspiração em aulas ou palestras, outras?
- Como você prioriza suas ideias de pesquisa?
- Existe algum método especial e generalizável que você descobriu para peneirar essas ideias que provavelmente serão irrealistas no início do processo de geração de ideias?

Um pequeno conjunto de evidências anedóticas como as de cima, nos dão razões para acreditar que há uma grande heterogeneidade entre os professores e pesquisadores em relação às questões acima.

15.2 Encontrando ideias

A frase mais emocionante de se ouvir na ciência, aquela que anuncia novas descobertas, não é "Eureka!" mas sim, "hmm... Isso é engraçado..." — Isaac Asimov

É muito comum perguntar a comediantes de standups sobre como eles encontram inspiração?, ou seja, como cada um desenvolveu seu próprio método, você provavelmente pode obter mil respostas diferentes, e mesmo assim não encontrar sua resposta útil.



No entanto, há alguns elementos que eu acho que são comuns a todos. Você não pode “desencadear” novas ideias para entrar em sua mente, mas você pode colocar sua mente na disposição certa para gerar novas ideias: reconhecê-las e recebê-las. Abaixo está uma lista, certamente parcial e limitada, tentando detalhar minha perspectiva sobre este assunto:

- **Se desafie!** Nada desperta ideias mais do que ser confrontado com contradição, crítica saudável, um debate animado, talvez um pouco de competição. Algumas pessoas conseguem fazer isso sozinhas, argumentando contra suas ideias e melhorando-as. É importante a gente se submeter a uma câmara de eco, participar de grupos de discussão. Se eles não são exatamente do seu campo, melhor ainda, pois eles podem ter perguntas ou expectativas incomuns/ingênuas/tolas.
- **Seja curioso!** As ideias vêm de problemas. Identificar problemas dignos em seu campo de pesquisa e dissecar questões maiores em problemas específicos de escopo gerenciável é pelo menos tão difícil quanto chegar a novas ideias. No final, muitos percebem que, especialmente para um pesquisador, todas as ideias são resultado de sua curiosidade sobre problemas existentes.
- **Reserve algum tempo livre para pensar.** Claro, uma ideia pode aparecer na sua cabeça a qualquer momento, mas provavelmente é menos provável que aconteça quando você trabalha, estuda ou ensina o dia todo que quando você tem algum tempo para realmente pensar.
- **Conheça sua área de conhecimento,** pois é preciso estar atento onde um novo desenvolvimento precisa ocorrer, ou no que está faltando no momento. Leia artigos, científicos ou não, busque tais ideias através de artigos ou posts de blogs, discuta com colegas que já passaram por momentos similares aos seus e que tenham feito um bom TCC, artigo e pesquisa.
- Existem alguns métodos para o **processo de ideação** que você pode testar, sozinho ou em sessões em grupo. Brainstorming é provavelmente o método mais conhecido e popular. Mas, um número muito grande de técnicas de criatividade foi desenvolvidas (<https://bityli.com/K6CB5>). Eles podem ser aplicados tanto para melhorar nossa capacidade de ideação quanto para aumentar a eficiência na resolução de problemas.



15.3 Organizando suas ideias

Outro passo importante é organizar as ideias para a pesquisa. Uma vez que você engrena no processo criativo, muita coisa surge na mente e ao final emergem incertezas sobre o caminho a ser trilhado. Se isso não for resolvido logo, pode se tornar congelante para a ação de escrever. Então para organizar as ideias a maioria das pessoas usa ferramentas de baixa tecnologia para isso:

Cadernos e blocos de anotações, sempre sem pauta, assim rabiscos e esquemas podem se tornar um projeto de pesquisa e fáceis de folhear quando necessário. Gosto muito de cadernos parecidos com os Moleskine, mas, cadernos capa dura ou mesmo bloco de anotações promocionais cobrem bem esse propósito. Post-its espalhados pela área de trabalho (real ou virtual), são outros gostos, mas geralmente isso não é organizar muita coisa.

De modo mais avançado temos as listas to-do, parecidos com o método KanBan, que também serve e existem aplicativos para isso. Além disso existem também os mapas mentais, que são muito úteis para estruturar e concatenar as ideias em processos lógicos que muito ajudam na hora de escrever.

Por fim, não subestime as possibilidades abertas pela delegação: as pessoas encarregadas de um projeto específico ou sub-projeto (alunos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado) podem ser incumbidas de manter uma lista de ideias de todos os colaboradores do projeto, que pode servir como ideias para seus trabalhos.

15.4 Escolhendo um assunto

A capacidade de desenvolver um bom tema de pesquisa é uma habilidade importante. Um orientador pode atribuir-lhe um tópico específico, mas na maioria das vezes os orientadores exigem que você selecione seu próprio tópico de interesse. Ao decidir sobre um tópico, há algumas coisas que você precisará fazer:

1. Brainstorm para ideias
2. Escolher um tópico que lhe permita ler e entender a literatura
3. Garantir que o tópico seja gerenciável e que o material esteja disponível
4. Fazer uma lista de palavras-chave
5. Ser flexível
6. Definir o seu tópico como uma questão de pesquisa focada
7. Pesquisar e ler mais sobre o seu tópico



8. Formular uma pergunta/problema/afirmação/hipótese do projeto/TCC/dissertação.

Esteja ciente de que selecionar um bom assunto não é tarefa simples. Não pode ser muito amplo e deve ser focado o suficiente para ser interessante, por outro lado abrangente o suficiente para apresentar as informações adequadas. Antes de selecionar um assunto para chamar de seu, certifique-se em saber como deve ser o seu projeto final. Cada disciplina, curso ou orientador provavelmente exigirá um formato ou estilo de pesquisa diferente.

Para a coleta inicial de dados para suas ideias é importante recorrer a alguns recursos para pesquisa (para a área de economia e negócios):

1. Mecanismos de busca acadêmica – Portal CAPES, Google Acadêmico.
2. Mecanismos tradicionais de busca na internet – Google, Bing.
3. Indicadores de tendências – Google trends, Gartner.
4. Fontes externas de inspiração – Think with google, blogs temáticos, OCDE papers, etc.
5. Visitas a livrarias com café.

Nunca esqueça que tudo começa com a tentativa de responder uma pergunta de pesquisa ou um problema que te salta aos olhos. É focando nessa pergunta de pesquisa ou ao problema que fica mais simples todo o resto. O problema irá ser um farol, mostrando o que deve ser levantado de literatura e qual tipo de literatura deverá ser utilizada no trabalho.

Espero que esse simples guia seja de alguma valia para seu trabalho e desejo para todos que por aqui passaram os olhos um ótimo resultado de pesquisa.



Capítulo 16

Dicas dos pesquisadores

16.1 TCC como intervenção

Cláudia Maria Milito

Desenvolver um TCC na modalidade de intervenção organizacional significa descrever com o maior detalhamento possível a execução de um trabalho, utilizando ferramentas gerenciais, em uma situação real. Nesse caso, o elemento de pesquisa, no sentido mais estrito do termo, não estaria sendo observado (não pretende a descobrir algo novo) mas o documento deverá observar, necessariamente, todos os requisitos acadêmicos exigidos para um TCC.

Em termos práticos há que se considerar que a descrição detalhada de um trabalho executado deve ter como base as referências teóricas na área de atuação definida na intervenção. Além disso, antes de descrever a intervenção em si, é fundamental que seja evidenciado o diagnóstico organizacional que levou a organização a definir o trabalho realizado.

Um aspecto que gosto de considerar é que nesse tipo de TCC é mais relevante a descrição do processo realizado do que dos resultados obtidos. Estou ressaltando isso porque, em geral, o aluno/autor participou do processo e evidencia certa ansiedade em apresentar os resultados obtidos. No entanto, além desses resultados, é importante evidenciar, com base nas teorias discutidas no curso e alvo do referencial teórico do documento, de que forma esses resultados foram alcançados.

A importância desse tipo de TCC pode ser evidenciado para, pelo menos, três seguimentos:

1. Aluno/autor – Desenvolver a habilidade de refletir sobre situações reais de trabalho com base nas teorias estudadas;

2. Organização alvo do estudo – Registrar, com base teórica consistente, o desenvolvimento do trabalho realizado. Pode ser considerada como gestão do conhecimento para futuros trabalhos;



3.Leitor – Verificar como determinada teoria pode ser incorporada no dia a dia de uma organização.

Vale lembrar que durante toda a elaboração do documento o aluno/autor deve considerar que está escrevendo para alguém que não conhece a realidade que está sendo escrita. Ou seja, os detalhes que podem parecer óbvios para as pessoas diretamente envolvidas, deve ser evidenciado a todo o momento.

16.2 Método histórico-estrutural

Cid Olival Feitosa

Particularmente, trabalho com o método histórico-estrutural, que busca observar a realidade concreta a partir das estruturas produtivas e suas transformações ao longo do tempo. A investigação histórica é fundamental para comprovar se a região está passando por algum tipo de mudança, ou não. Entendo que analisar um ano apenas ou um período muito curto de tempo enquadra-se muito mais numa análise conjuntural, não sendo suficiente para compreender as mudanças estruturais de cada localidade. Deste modo, é imprescindível conhecer os determinantes históricos e sociais de cada região estudada, pois isso irá interferir diretamente na dinâmica econômica observada ou no estágio produtivo ao qual a região se encontra, por exemplo, nível de desenvolvimento tecnológico, características da mão de obra, disponibilidade de terras, etc. Ao longo da investigação, utilizo dados estatísticos (normalmente dados secundários, mas nada impede de realizar pesquisa primária), criando uma “base de dados” dinâmica, isto é, que busque apresentar essas transformações ao longo do tempo para compreender o momento presente – diferente de análises que investigam um ano, apenas, e tentam extrair conclusões. O uso de dados também é fundamental para corroborar (ou não) a análise que está sendo processada. Assim, após a definição de problemática e da hipótese de trabalho, da revisão da base teórica e do levantamento de dados, pode-se proceder às análises e chegar aos resultados da investigação.

16.3 Temas sobre gestão de pessoas

Milka Alves Correia Barbosa

A escolha de uma temática de pesquisa na área de gestão de pessoas nos dá a oportunidade de elucidar fenômenos que versam sobre os indivíduos nas organizações onde estão inseridos, sendo portanto de nosso interesse, quer seja como trabalhadores ou administradores. Para tanto, é necessário escolhermos a abordagem metodológica coerente

com o objetivo a ser atingido, tendo sempre em mente a busca de produção de conhecimento científico relevante para a sociedade, para os indivíduos e para as organizações

16.4 Importância do processo de busca de artigos científicos de qualidade para um tcc

Wesley Vieira da Silva

O processo de busca por parte dos acadêmicos de Administração de artigos científicos é importante para a qualidade dos trabalhos científicos, pois tais artigos darão o suporte teórico necessário para validação ou não de uma determinada teoria dentro de um campo científico ao qual o aluno está desenvolvendo seu trabalho. Para tanto, os acadêmicos podem se reportar aos portais de periódicos nacionais como SPELL e SCIELO – existem outros, mas esses dois são principais. Nos portais, eles podem encontrar um manancial de trabalhos científicos que já foram validados pelos pares – por professores em sua grande maioria – acadêmicos, por meio do processo de qualificação de periódicos da Capes Qualis, onde qualquer pessoa pode baixar gratuitamente esses trabalhos, mediante o preenchimento de um rápido cadastro. Encontramos nos portais SPELL e SCIELO uma elevada quantidade de artigos científicos com os mais diferentes assuntos na área de Ciências Sociais Aplicadas, envolvendo Economia, Administração, Contabilidade, Turismo, em que o aluno pode explorar em seus tccs as diversas áreas funcionais do campo da Administração, onde tanto o aluno quanto os orientadores podem explorar os trabalhos baixados e incorporar aspectos que não foram evidenciados na pesquisa científica que foi criada, por exemplo, a priori, não levou em conta de imediato e pode levar depois de ler esses trabalhos. Isso contribui com a qualidade dos tccs e do produto dali gerado que no fim será um outro artigo científico. Lá, nesses portais, você encontra quase todas as revistas nacionais. No Sciello, é um pouco mais abrangente, o crivo é um pouco maior, por isso encontra ainda muitas revistas da América Latina, ou seja, tem artigos das mais diversas línguas e certamente ajudará o aluno a construir o seu tcc ou até mesmo outro artigo científico.



Capítulo 17

Orientações gerais para construção de um TCC

Tiago de Moura Soeiro

17.1 Escolha do assunto-tema-problema a ser investigado

Muitos pesquisadores iniciantes e estudantes incumbidos da tarefa de conduzir uma investigação científica ou produzir um relatório derivado de uma pesquisa possuem dificuldades na hora de escrever. Tais dificuldades muitas vezes estão relacionadas com a estrutura, formatação e claro, o quê escrever em cada seção do trabalho. Se você se identificou, este material é para você. Nele abordaremos algumas orientações gerais sobre os elementos do trabalho acadêmico e aquilo que geralmente espera-se que deva conter em cada uma delas. Além disso, nos próximos capítulos são abordados os aspectos pertinentes a cada método de investigação que podem ser aplicados por vocês em suas investigações.

Antes de começarmos, me permita perguntar: você já sabe sobre o que você vai pesquisar? Está claro para você qual o tema e o problema a ser trabalhado na sua pesquisa? Se sua resposta foi positiva e você não tem dúvidas quanto a isso, que bom... você pode estar num estágio mais amadurecido da discussão. Mas, se sua resposta foi negativa, eu tenho algo alentador para te dizer. Toda boa pesquisa nasce de uma boa revisão. É garantido que tendo uma boa revisão você terá uma boa pesquisa? Não, porque a qualidade da sua pesquisa vai depender de vários fatores, tais como a aplicação da metodologia e qualidade dos dados obtidos. Porém, se você não fizer previamente uma boa revisão da literatura você muito provavelmente não terá uma boa pesquisa. Por estes motivos é sempre importante manter o diálogo com o Orientador.

Ter o conhecimento sobre o campo de estudo que você pretende estudar é de grande importância, até porque a escrita científica deve estar atenta para a comprovação dos argumentos apresentados. E para tal você vai precisar fazer citações dos autores que suportam as suas argumentações ao longo do texto. Além disso, conhecer bem o campo



antes de começar a escrever seu trabalho vai te ajudar a propor uma investigação relevante, original e viável.

A pesquisa relevante é aquela que possui certo interesse da comunidade acadêmica e/ou prática, da sociedade e outros interessados, nas possíveis contribuições teóricas, práticas e/ou sociais. Assim, dizemos que à relevância quando a temática da pesquisa está relacionada com alguma questão sensível que afeta, por exemplo, a vida das pessoas na sociedade e nas organizações ou está direcionado a uma questão teórica que merece atenção e que enseja uma melhor definição, maior precisão.

O caráter inovador de uma investigação pode ser avaliado com base no potencial de contribuir para o avanço do conhecimento científico da sua área. Assim, dizemos que uma pesquisa é inovadora ou original quando temos indícios de que os resultados da pesquisa podem nos surpreender de alguma forma, trazendo novidades em relação ao comportamento dos dados, cunhando novos conceitos para explicar tais comportamentos, derivando novas categorias de análises, possibilitando novos entendimentos sobre um fenômeno estudado. Se não tiver domínio do campo, você corre o risco de propor mais do mesmo.

Por fim, uma pesquisa é viável quando tenha plausibilidade em sua realização. Neste ponto é importante que você dedique um pouco de esforço para pensar a respeito das condições necessárias à realização do estudo. Essas condições muitas vezes estão ligadas aos procedimentos metodológicos para coleta e análise dos dados, permeando a disponibilidade dos dados, os instrumentos de coletas, momento da pesquisa, prazos para realização das atividades, recursos necessários, competências do investigador e por aí vai. Isso é crucial pois ajuda os leitores a avaliar a confiabilidade e validade do estudo.

Neste momento pode ser que você deva estar pensando em como fazer para ter um bom domínio do campo. Para te ajudar nesse processo, você pode inicialmente (i) conversar com um possível orientador e/ou outros pesquisadores para obter aconselhamento sobre possíveis temáticas dentro de uma determinada linha de investigação, bem como sugestão de literatura pela qual você possa iniciar as suas leituras. Você também pode buscar (ii) trabalhos acadêmicos de revisão sobre um tema específico, que podem ser uma saída rápida para ajudar a identificar o estado atual de conhecimento sobre um determinado tópico (que chamamos de “estado da arte”) na data da publicação, porém é importante observar os critérios de inclusão e exclusão, ou seja, os filtros utilizados para selecionar os artigos analisados pelo trabalho e o período compreendido.

Um caminho mais completo, e altamente recomendado, envolve a leitura detalhada e sistematizada dos textos, ou seja, consiste na aplicação de métodos de revisão bibliográfica nas suas leituras. Para te ajudar com esses pontos te convido a dar uma olhada nos capítulos sobre revisão bibliográfica/narrativa/sistemática da literatura, pois, estes métodos podem te ajudar a encontrar caminhos frutíferos de investigações, tais como, os possíveis temas, problemas e percursos metodológicos para sua investigação e te deixar com um amplo conhecimento sobre o campo de conhecimento e as publicações existentes nele.

Contudo, antes de iniciar o processo de investigação e até mesmo a escrita do relatório, seja ele um artigo ou monografia, é importante que você se faça algumas perguntas e tenha bem claro as respostas. Perguntas como:

- a. Qual o Assunto e Tema? Qual a(s) lacuna(s) do conhecimento (também chamado de Gap da literatura) existem a respeito da sua temática? Por que estudá-los é importante?
- b. A pesquisa possui um objetivo e/ou questão de pesquisa? O problema da investigação, está claro e é adequada para preencher a lacuna do conhecimento?
- c. Que tipo de novidade está presente no estudo? A investigação visa trazer novos dados, cunhar novos conceitos, desenvolver novas práticas e ferramentas ou tecer reflexões sobre o problema investigado? Por que isso é relevante?
- d. Quais os principais trabalhos que serão utilizados para suportar as ideias centrais da sua pesquisa? Quais os conceitos, categorias e variáveis são importantes para o seu estudo? Como esses elementos serão mensurados na pesquisa? Onde os dados estão disponíveis ou onde serão coletados?
- e. Há implicações éticas pertinentes para a realização do estudo? Como garantir as diretrizes éticas a serem aplicadas nos estudos?

Definido o assunto-tema-problema da investigação e atendidos os critérios elencados anteriormente, é hora de colocar às mãos na massa e escrever. Neste momento a sua dúvida deve ser sobre o conteúdo que deve escrever em cada seção do texto. Vamos tratar disso de forma geral, então fique à vontade para buscar outras fontes para complementar o que veremos a diante.

17.2 Elementos fundamentais de um trabalho acadêmico

Neste momento vamos dedicar um espaço para apresentar o que geralmente é esperado que contenha em cada uma das seções de um trabalho acadêmico. Mas antes

devo esclarecer que não pretendo trazer uma receita de bolo ou fórmula mágica, portanto, apenas umas orientações rápidas, até porque cada trabalho tem suas especificidades.

17.2.1 Título, resumo e palavras-chave

O título é nada mais nada menos do que a primeira coisa que os leitores vão ler no seu trabalho. Para que você possa intitular seu precioso manuscrito com um bom título é importante que você tenha em mente alguns aspectos: o título deve i) deve refletir o conteúdo do artigo, e estar alinhado com as palavras-chave, o objetivo e questão de pesquisa; ii) deve ser interessante para o leitor; iii) refletir o tom da linguagem adotado no artigo; e iv) deve conter palavras-chave importantes que possam dar visibilidade para seu trabalho nas bases de dados. Então quando for escrever seu título tente fazer com que ele descreva o tema, o método, a amostra e os resultados de seu estudo. Seja criativo, tente fazê-lo dentro de no máximo 2 linhas ou algo até 15 palavras. Também é bom evitar jargões e/ou termos muito específicos.

O resumo serve como um cartão de apresentação do seu trabalho. Geralmente, os resumos possuem uma quantidade de palavras delimitadas, dependendo do tipo do trabalho, para artigos algo entre 100 e 250 palavras e para monografias algo entre 150 e 500 palavras. Por isso é importante que nele você seja objetivo o bastante para cobrir o essencial do seu trabalho e ao mesmo tempo despertar o interesse do leitor para continuar a leitura. Assim, quando for escrever seu resumo não esqueça de colocar: o objetivo do trabalho, a lacuna do conhecimento, a relevância da pesquisa, a metodologia, e os principais resultados e contribuições. Ah! Vale lembrar que no resumo você deve evitar citações e não deve apresentar elementos visuais, por exemplo, tabelas e gráficos.

Por fim, as palavras-chave, são termos e/ou expressões que devem ser escolhidas com carinho, porque além de refletir os pontos centrais do trabalho elas irão ajudar a dar visibilidade a seu manuscrito. Geralmente, você pode utilizar de 3 a 5 palavras-chave no seu manuscrito. Para a escolha das palavras-chave i) opte por os termos mais importante para o seu estudo e que refletem o conteúdo apropriadamente, e evite os termos mais gerais ou amplos que possam ser aplicados a vários outros estudos; ii) pense nos seus leitores, por exemplo na área de conhecimento deles e que expressões são utilizadas e também como eles vão buscar os artigos e tente propor palavras-chaves que eles possam se interessar; iii) sempre é válido dar uma conferida nos outros estudos para ver quais palavras-chave estão utilizando; e iv) evite termos não citados no seu trabalho pois é sinal



de que não reflete bem o conteúdo. Então procure escolher palavras-chave nem muito abrangente, nem específicas demais.

17.2.2 Introdução

A introdução é a parte do trabalho acadêmico em que você deve despertar o interesse do leitor e fazê-lo prosseguir na leitura. Nela você precisa informar ao leitor o que foi pesquisado e o porquê. Além disso, você deve mostrar que a sua pesquisa foi realizada com bases sólidas em relação aos métodos e a literatura.

Existem elementos essenciais a todas as introduções, são eles: o problema; a justificativa; e o objetivo. Adicionalmente algumas introduções adicionam elementos tais como: definições de termos ou conceitos relevantes para o entendimento do estudo; o método; a relevância; e contribuições do estudo. Falando em termos de estrutura da apresentação da introdução, você pode estruturá-la em parágrafos contendo:

- i. Estado da arte:** apresentar o que se conhece sobre o tema, pois é importante que você mostre que sabe onde está pisando e conhece os avanços da literatura sobre o seu tema-problema. Lembre-se de utilizar referências de boa qualidade e, também, as mais atuais.
- ii. Lacunas do Conhecimento:** evidenciar o que não se sabe ou o que precisa ser mais bem estudado/compreendido (o gap da literatura), ou seja, mostre as insuficiências da literatura que você apresentou anteriormente.
- iii. Justificativa:** destacar os motivos os quais tornam relevantes a realização do seu estudo. Não vale ser interesse pessoal. Você deve focar em critérios objetivos que ressaltam como sua pesquisa é contributiva, principalmente em relação às lacunas apresentadas.
- iv. Contexto:** você deve situar o leitor a respeito do campo empírico e as razões pelo qual esse contexto é favorável para o seu trabalho.
- v. Objetivos e Questão de Pesquisa:** você deve enunciar o(s) objetivo(s) da sua investigação e a questão de pesquisa que norteou o trabalho. Então deixe bem claro para o leitor qual seu plano e o propósito da sua investigação.

Lembra quando eu disse que pesquisas com resultados óbvios não merecem ser feitas?! Isso se aplica aqui na proposição dos objetivos e/ou questão de pesquisa. Então tenha claro antes de escrever o objetivo da pesquisa e a questão de pesquisa já que eles vão ser fundamentais para a construção do seu texto. Lembre que questões com respostas



curtas, por exemplo, sim ou não... não é nada científico. Tente usar expressões que remetam a explicações referentes as causas e efeitos do seu fenômeno em estudo, tais como, por que, como, qual...

Então quando for escrever sua introdução tente usar citações pertinentes e relevantes; também seja claro e objetivo; construa o texto a partir de tópicos dedicando um parágrafo para cada tópico. Ah! E não esqueça de mostrar a novidade de seu objetivo em relação conhecimento da área. É como dizem, uma introdução bem escrita leva o leitor a deduzir o objetivo. Ok?!

Vale tomar cuidado para não usar a introdução para ficar contando historinha, ou ser prolixo ou fornecer um excesso de informações sem relação com o seu objetivo. Também não é espaço para ficar debatendo o resultado de outros trabalhos acadêmicos, tampouco soltar as ideias sem realizar as associações necessárias. Beleza?!

Uma última coisa. Você vai dispende seu tempo e esforço na realização de seu precioso manuscrito e certamente vai querer que os outros leiam, citem e, também, que esse seu trabalho seja útil para alguém. Então esforce-se para escrever uma introdução concisa, clara, exata, que segue uma sequência lógica e elegância. Capriche para ter uma introdução curta, mas com informações suficientes e adequadas.

17.2.3 Revisão da Literatura

Se você já teve a curiosidade de buscar literatura para algum trabalho deve ter notado que existe uma grande quantidade de material que deve ser avaliado para compor sua revisão da literatura e para tal você vai precisar filtrar o que é relevante para seu estudo.

É por este motivo que a revisão de literatura consiste em um levantamento bibliográfico sistematizado, ou seja, não é pra sair fazendo uma colcha de retalhos de citações. Fazer uma revisão de literatura requer disciplina, foco e muita leitura... não adianta fazer caretas. Faça sua revisão seguindo um escopo pré-definido e seja crítico, quando possível. A seguir, vou te dar algumas dicas que podem ajudá-lo neste processo:

- ✓ Qualidade das fontes: há uma máxima que nos diz que quanto mais variadas suas fontes, mais credibilidade terá o texto, pois isso implica na credibilidade teórica da revisão. Mas você deve ter em mente que **a qualidade de sua revisão em certa medida está associada à qualidade das fontes que você utilizará para compô-la: se você usa boas fontes poderá ter uma boa revisão, mas se utiliza fontes ruins**

seu trabalho não terá credibilidade. Então busque trabalhos de boa qualidade (bem citados, publicados em periódicos renomados, por exemplo).

- ✓ Recorte: antes de começar, é preciso delimitar o seu estudo, isso vai te ajudar a verificar o estado da arte sobre seu tema. O recorte também vai te ajudar a identificar caminhos frutíferos e infrutíferos para sua pesquisa em termos de problemáticas e métodos. No recorte, vale conferir se **estão incluídos trabalhos que** debatam entre si, apresentem pontos de vista diferentes e até mesmo contrários sobre a questão para enriquecer o seu material. Também deve incluir as fontes mais clássicas sobre seu tema e as descobertas mais recentes, procurando refletir sobre a aceitação delas para a atualidade da discussão.
- ✓ Diferencial: é quase certo que o recorte que você escolheu para realizar sua revisão de literatura já foi utilizado por outros pesquisadores. Mas fique tranquilo, pois, isso é normal. O próximo passo é (tentar) identificar algum aspecto da discussão pouco explorado – não esqueça de sustentar a abordagem que você vai seguir, ok? Ah! Você também pode levantar alguns questionamentos ou diferenciais ainda não explorados que foram propostos por outros trabalhos de revisões.
- ✓ Estrutura: antes de escrever sua revisão é importante pensar na forma de apresentação e organização das ideias a serem apresentadas. Isso vai te ajudar a garantir a coesão e coerência do seu texto, vai ajudar o entendimento e fixar a atenção do leitor, e te ajudar a não perder o foco em meio a tanto material. Provavelmente você vai encontrar trabalhos cuja estrutura te agrada ou que melhor se adequa à sua pesquisa. Você pode tomá-los como base (não é pra plagiar), ou melhor: inspiração para a composição da sua revisão da literatura.
- ✓ Fichamentos e anotações: ao levantar a literatura que você pretende usar você precisará classificar e organizar as fontes mais relevantes. É importante na medida em que realiza suas leituras que você faça os fichamentos e anotações para cada trabalho. Essa estratégia vai te ajudar a ter uma visão geral sobre como suas diferentes fontes podem vir a dialogar no texto final.
- ✓ Objetividade: após fazer seus fichamentos e anotações e também refletir sobre a estrutura que vai seguir na sua revisão da literatura você pode iniciar sua escrita sem medo. Cuidado pra não fazer aqui uma mera “colagem” de fontes distintas sobre determinado tema. Na revisão é importante que as fontes dialoguem entre si para melhor expor as argumentações e abordagem da sua pesquisa. Vale organizá-



-las de forma a destacar o que elas possuem em (in)comum, ou de que modo contribuem gradativamente para aprofundar a discussão sobre o tema. Faça um esforço para organizar as fontes e ofereça possíveis caminhos para a condução da discussão a partir delas.

Gostou das dicas? Bom, acho que agora você deve estar se perguntando como colocar isso tudo no papel. Bom, não existe certo ou errado aqui, ok? Não há uma forma universal de se fazer a revisão da literatura, mas de uma forma geral eu recomendo que você siga o seguinte percurso:

- i) Marco teórico:** você pode iniciar sua revisão apresentando as informações mais antigas relacionadas ao seu tema. É importante mostrar o(s) trabalho(s) e autor(es) que iniciam uma nova tradição de pesquisa. Tente deixar claro i) quando seu tema começou a ser estudado; ii) como foi estudado inicialmente; e iii) quem são os precursores.
- ii) Conceitos e Definições:** apresente os principais conceitos e suas definições que o campo apresenta para seu tema em investigação. Então fica de olho nas categorias de análise e variáveis que são relevantes para o seu estudo. Geralmente conceitos e definições podem incorrer em inconsistências na literatura, visto há diversos autores estudando múltiplos e variados contextos. Então tente deixar claro i) quais são os principais conceitos; ii) se há consenso ou divergência; e iii) qual é o mais adequado para sua pesquisa.
- iii) Tradição de pesquisa:** geralmente os temas são investigados por diferentes vertentes, correntes ou perspectivas. É importante que você mostre de forma breve qual a corrente principal a respeito do seu tema e também outras possibilidades. Isso é importante para classificar e localizar seu estudo dentro de um corpo de conhecimento e claro, se você se enquadra em uma determinada tradição vai te ajudar a ganhar perspectivas metodológicas, abrir as portas para uma discussão teórica mais robusta e ampliar suas possibilidades de contribuição. Então, vale esclarecer se i) há linhas de investigação diferentes sobre o seu tema; ii) quais divergências entre elas; iii) qual o enfoque de cada uma; iv) onde seu trabalho está inserido.
- iv) Artigos Conceituais:** é importante deixar claro quais as principais discussões teóricas presentes na abordagem escolhida para seu trabalho. Traga os trabalhos conceituais desde os seminais até os mais recentes. Portanto você deve apresen-



tar os principais trabalhos teóricos; como esses trabalhos desenvolveram o tema teoricamente; as suas principais discussões. Geralmente é neste tipo de trabalhos que residem os gaps da literatura mais facilmente.

- v) **Artigos de Revisão:** passada a parte conceitual você deve apresentar resultados de trabalhos de revisão (sistemáticas, narrativas, bibliometrias, meta-análises, etc) a respeito do seu tema. É nesses trabalhos que você vai identificar mais facilmente temas, possibilidades metodológicas, linhas de abordagens, principais gaps da literatura. Esses trabalhos também podem te ajudar a justificar os caminhos e possibilidades para a sua pesquisa, frente ao que os outros já fizeram. Então fica atento as revisões mais recentes para ver quais os principais gaps e direcionamentos que eles podem te dar.
- vi) **Artigos Empíricos:** por fim, você deve apresentar e discutir os artigos empíricos relacionados ao seu tema. Alguns autores gostam de criar uma subseção com tal finalidade, mas isso fica a seu critério. O importante é que neste ponto você apresente as descobertas mais recentes do campo de investigação. Isso vai te ajudar a não realizar uma pesquisa que já foi feita, te dar material para comparar resultados, e claro se um ótimo argumento para a justificativa da pesquisa, mostrando o que há de novo na literatura e qual o próximo passo. Então muita atenção para os achados e descobertas mais recentes; os tópicos que vêm sendo pesquisados; quais os temas mais badalados do momento; e como você pode avançar os últimos desenvolvimentos do campo.

Só para finalizar, lembre-se que quem tem uma boa bagagem teórica, aquele que domina a literatura, consegue fazer mais facilmente uma boa introdução, tem segurança na seleção e aplicação dos métodos, tem bases para comparar e discutir os resultados, tem maior clareza e esclarecimento sobre as contribuições do estudo e domina as expressões e conceitos utilizados pelos pesquisadores da área.

17.2.4 Metodologia

É quase certo que ao formular os objetivos e problema para sua investigação você tenha pensado nas possibilidades de formas como você poderia atingir seus objetivos e apresentar respostas ao seu problema. Você também deve ter notado as formas como outros pesquisadores fizeram para atingir os objetivos e problemas deles. Essas formas como os estudos podem ser conduzidos são os métodos de investigação. São esse métodos que conferem cientificidade a sua investigação.

Enfim, aqui quero que você entenda que na metodologia você precisa ter claro para você, e deixar claro também para o leitor, os percursos e processos empregados para a operacionalização da sua investigação. É importante que você mostre também as razões das suas escolhas realizadas ao longo da operacionalização do seu estudo, porque é a partir desses esclarecimentos que os leitores vão poder julgar a qualidade da sua pesquisa em termos de validade (das interpretação das observações, ou seja, se os resultados e conclusões da sua pesquisa são apropriados e consistentes com os seus procedimentos) e confiabilidade (dos dados coletados, ou seja, se seu método foi apropriado para obter dados e informações necessárias atingir os seus objetivos).

De um modo geral a estrutura da seção de metodologia envolve alguns pontos importantes independentemente do método que você optar para a condução do seu estudo.

- ✓ **Posicionamento do estudo:** neste ponto é importante esclarecer rapidamente as lógicas da pesquisa e deixar bem claro o paradigma de investigação a seguido (ex. positivista, interpretativista, crítica, etc.). Alguns investigadores gostam de apresentar a definição da pesquisa, por exemplo: se ela tem a finalidade de descrever, explicar ou explorar um fenômeno; esclarecer como o objeto de estudo foi investigado se quantitativa ou qualitativamente; esclarecer se suas conclusões partem do específico pro geral (indutivo) ou do geral para o específico (dedutiva); pode ser interessante apresentar seu posicionamento ontológico (suas crenças em relação a natureza do seu objeto e da realidade) e epistemológico (suas crenças em relação a como se adquire e justifica o conhecimento).
- ✓ **Dados e delimitação:** neste ponto é importante explicar qual a natureza e o tipo dos seus dados. É importante explicar onde esses dados estão disponíveis e como você fez para coletá-los. É importante deixar claro qual o universo dos dados e a sua amostra, ou seja o seu recorte ou delimitação que você fez, para deixar claro com quem ou o que você está trabalhando e se você obteve informação suficiente para dar confiabilidade a representatividade dos seus resultados, seja na quantitativa por meio das generalizações estatísticas ou seja na qualitativa por meio da representatividade do campo ou do caso, por exemplo.
- ✓ **Instrumento de coleta de dados:** seja de natureza quantitativa ou qualitativa os dados que você vai precisar de um protocolo (roteiro de entrevista,



questionário, planilha de check list, etc.) para formar um banco de dados para sua pesquisa. É importante você deixar claro a forma como foi elaborado este instrumento de coleta (desde sua concepção inicial até a versão definitiva) e quais variáveis ou categorias de análise estão presentes. Não esqueça de apresentar suas justificativas para essas escolhas, ok?

- ✓ **Procedimentos de análises dos dados e inferências:** passada a coleta dos dados, ou em alguns casos até mesmo durante a coleta de dados, você precisará aplicar algumas técnicas para extrair informações dos dados e poder fazer suas interpretações e inferências referentes a eles. É importante você deixar claro o ciclo de procedimentos para a obtenção das informações a partir dos dados coletados (testes estatísticos, regressões, análise de conteúdo, análise qualitativa básica, etc.) e os tratamentos necessários realizados no seu banco de dados (limpeza e remoção de observações incompletas, codificações, mapas mentais e conceituais, etc.).
- ✓ **Critérios de qualidade da pesquisa:** em alguns casos, geralmente nos casos das pesquisas alternativas (aquelas que fogem ao paradigma principal de investigação da área) pode ser importante destacar aspectos que confirmam credibilidade e rigor aos procedimentos aplicados na sua pesquisa, como por exemplo: desenvolvimento e validação de protocolos de investigação e de coleta de dados; cuidados e precauções na coleta, sistematização e armazenamento dos dados; utilização de múltiplas fontes de dados e triangulações.
- ✓ **Aspectos éticos aplicáveis:** sempre que a pesquisa envolver pessoas o ideal é que se consiga aprovação do comitê de ética para a sua operacionalização. Independentemente disso, a pesquisa deve se regida sobre alguns princípios éticos, por exemplo: o consentimento informado; a preocupação em não prejudicar os participantes; e o anonimado e a confidencialidade dos participantes.

Discutir métodos de investigação é um debate longo, e por isso é importante analisar com calma as possibilidades e discutir tais possibilidades com seu Orientador. E é por isso que estamos trabalhando neste material, para a te ajudar a entender melhor sobre algumas dessas possibilidades.

17.2.5 Achados e Discussões

Após analisar bem os dados, você provavelmente terá alguns achados e insights para comunicar. É exatamente nesta seção que você vai fazer isso. A seção achados e discussão é o local do artigo no qual você apresentará os resultados, atribuirá significado à eles, realizará comparações com o corpo de conhecimento e os achados das outras pesquisas que você levantou lá na revisão da literatura, e vai se posicionar sobre o assunto. É importante que você mantenha nesta seção a coerência na sua escrita para que fique claro o que é Teoria, o que é achado empírico e o que são suas interpretações. Por isso é importante pensar nesta seção em blocos, tais como:

- ✓ **Descrição dos resultados:** neste momento você deve apresentar de forma sistemática os resultados da sua pesquisa, vale utilizar recursos visuais para ilustrar e facilitar o entendimento do leitor a respeito dos dados. Não esqueça de dar destaque aos achados mais relevantes e originais da sua investigação.
- ✓ **Comparação:** esta seção é importante para que você contextualize e relacione seus achados com a literatura previamente apresentada no seu trabalho, destacando pontos congruentes e discrepantes. Não esqueça de apresentar as explicações para ambos os casos, ok?
- ✓ **Interpretação:** suas interpretações servem para você responder sua questão de pesquisa e atingir seus objetivos. Tente deixar claro para o leitor como seu trabalho avança a fronteira do conhecimento e as implicações dos seus achados.

Geralmente esta é uma seção longa nos trabalhos científicos, então vale a pena pensar na sua ordem de apresentação e criar subtópicos (quando necessário) para melhor apresentar os resultados. você pode, por exemplo, utilizar o mesmo fluxo definido pelo modelo teórico da pesquisa desenhado com base na literatura, ou do protocolo definido para a investigação na metodologia.

17.2.6 Conclusões ou Considerações Finais

Chegando ao fim do seu trabalho, na conclusão, você deve ressaltar os principais pontos da pesquisa. É neste espaço que você deve deixar claro como o objetivo da sua investigação foi atendido e as respostas obtidas para o problema em investigação. Nesta seção você deve ser mais geral para destacar a generalização estatística ou teórica da sua pesquisa, implicações, perspectivas apresentadas. é bem verdade que não há um modelo



único, mas de um modo geral as conclusões dos trabalhos acadêmicos envolvem aspectos referentes à:

- ✓ **Contribuições da pesquisa:** deixe claro para o leitor as contribuições de natureza teóricas, práticas e/ou sociais da sua investigação. Geralmente as contribuições são referentes a novos achados, novos dados ou novos conceitos. Lembre-se que isso vai ficar mais claro a depender da qualidade de sua revisão da literatura.
- ✓ **Avaliação crítica da própria pesquisa:** é importante apresentar os vícios e virtudes da sua pesquisa. Deixe claro as limitações, tais como, pontos identificados como relevantes porém não puderam ser aprofundados na sua investigação, limitações em relação a aplicação e poder explicativo dos testes ou métodos de inferências utilizados, etc. e claro, também pode destacar positivos, tal como, adoção de um paradigma alternativo ou uma temática pioneira.
- ✓ **Recomendações para pesquisas futuras:** geralmente aqui você deve dar caminhos ou levantar questões para futuras investigações que auxiliem a expansão da fronteira do conhecimento. Geralmente ficam associadas às limitações metodológicas e teóricas do seu estudo.

Ah! Tome cuidado para que durante a redação de sua conclusão você não fique repetindo os achados da sua pesquisa. Pode parecer tentador, mas quem leu o seu trabalho espera que você apresente uma visão mais geral nesta seção para associar sua pesquisa ao corpo de conhecimento existente.

17.2.7 Referências

Sempre tenha em mente que um trabalho científico deve avançar a fronteira do conhecimento. Geralmente todas as afirmações realizadas precisam estar amparadas na literatura, salvo em alguns casos como aquelas provenientes de suas interpretações sobre seus dados, por exemplo. Por este motivo, todas as obras citadas no seu texto devem constar na seção de referências.

Então para você não se perder quando estiver escrevendo seu texto, lembre-se de fazer as citações (de preferência indiretas) e não esqueça de referenciar apenas aquelas que compuseram seu texto. Para não esquecer nenhuma você pode utilizar recursos automáticos como a ferramenta de “citações e bibliografia” do editor de texto Word, ou como eu prefiro utilizar algum software de gerenciamento de referências, a título de exemplo temos o Qiqqa,



Mendeley e o Qiqqa. Esses programas podem te ajudar a organizar sua biblioteca virtual e criar uma lista de referências automaticamente, vale a pena dar uma conferida.

17.2.8 Apêndices e Anexos

Apêndices e Anexos, apesar de serem elementos opcionais, são todo material suplementar que dão maior sustentação ao texto, por exemplo os instrumentos de coletas de dados como os itens do questionário aplicado, roteiro de entrevista ou observação, ou ainda desenhos e tabelas de análises de dados, bancos de dados para auditoria dos resultados.

Mas quando classificar como apêndice ou anexo? Bom a regra é fácil. Apêndices é todo material suplementar elaborado pelo autor a fim de complementar sua argumentação. Já os Anexos são outros documentos não elaborados pelo autor, que servem de fundamentação, comprovação ou ilustração. Os apêndices devem aparecer após as referências, e os anexos, após os apêndices.

17.3 Cuidados na Redação

Vale lembrar que ao escrever o seu trabalho você deve tomar certos cuidados com a organização e apresentação das ideias e, claro, o temido plágio. Mas calma, vou dar algumas dicas que podem te ajudar a organizar as ideias do teu texto e, também, não incorrer naquele tal de [(ctrl+c) + (ctrl+v)].

Primeiro de tudo a melhor forma de aprender a escrever um trabalho acadêmico é lendo outros trabalhos acadêmicos. Analisar outros trabalhos quanto a forma e conteúdo vai ser de grande contribuição para o amadurecimento da sua escrita científica. Comece lendo os artigos mais importantes para sua pesquisa. Você pode pedir dicas ao seu orientador de artigos de qualidade para realizar a leitura, e, adicionalmente, pode procurar os artigos semanais (aqueles que introduzem um conceito novo, uma teoria, etc.).

Então, se tiver um tempinho tenta fazer fichamentos de alguns textos. Observe o encadeamento das ideias, o objetivo de cada parágrafo, as ideias e conceitos apresentados e tente identificar por exemplo o “que”, “como”, “quando”, “onde”, e “por que”. Você também pode ter interesse em fazer o fichamento para pontos específicos a respeito dos elementos dos trabalhos que você vai ler, por exemplo, o contexto da pesquisa, o objetivo ou questão de pesquisa, dados e métodos, principais achados empíricos, contribuições e limitações. Isso vai te ajudar a entender melhor os trabalhos e, também, facilita a comparação entre os autores.



À medida que você estiver lendo os artigos, pode separar passagens importantes sobre os elementos que está fichando (lembre-se de colocar a referência e número de página), pois se precisar fazer alguma citação direta você vai identificá-la rapidamente. Você pode fazer os fichamentos manualmente, mas recomendo que utilize algum programa para ajudar na análise e fichamento dos artigos (seja numa planilha do Excel, ou em algum programa de que auxilie na análise qualitativa de dados, tais como Aquad, Atlas.ti, Compendium, NVivo, Qcoder, QDA miner lite, RQDA, entre outros). Não esqueça de anotar quaisquer dúvidas ou insights – aquelas sacadas que a gente tem quando tá lendo ou vendo algo, por exemplo – que você teve para discutir com seu orientador e utilizar posteriormente no seu texto.

Em posse dos fichamentos você pode, antes de escrever organizar as ideias, criar um esqueleto das seções e subseções do seu trabalho detalhando o conteúdo que deve ser apresentado e a ordem de apresentação ou encadeamento das ideias no texto. Isso vai te ajudar a não incorrer em plágios e, também, manter a coesão e coerência do seu texto.

Ah! Quase me esquecia... por fim, fica ligado também nas normas editoriais aplicáveis à escrita dos trabalhos acadêmicos, pois, temos algumas particularidades na escrita acadêmica, como você pode observar rapidamente ao ler os trabalhos. Dê uma procurada nas normas vigentes da ABNT, dentre as quais destaco: NBR 6022 – Artigos científicos impressos; NBR 6023 – Referências; NBR 6024 – Numeração progressiva das seções; NBR 6027 – Sumário; NBR 6028 – Resumo e Abstract; NBR 6034 – Índice; NBR 10520 – Citações; NBR 14724 – Trabalho Acadêmico; e NBR 15287 – Projeto de pesquisa. E claro, é sempre bom lembrar das três regras para bem escrever: revisar, revisar, revisar. Então, vamos à obra?!



